



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS

ELIZABETH LOBATO NUNES
JACIREMA DE JESUS FERNANDES DIAS

LETRAMENTO DIGITAL: Formação para o conhecimento de
informática por meio do projeto UNIFAPDIGITAL

MACAPÁ-AP,
2014

**ELIZABETH LOBATO NUNES
JACIREMA DE JESUS FERNANDES DIAS**

**LETRAMENTO DIGITAL: Formação para o conhecimento de
informática por meio do projeto UNIFAPDIGITAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras com habilitação em Língua Francesa, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção do grau de Licenciado Pleno.

Orientadas por: Prof. Msc. Rafael Pontes Lima.

MACAPÁ-AP,
2014

**ELIZABETH LOBATO NUNES
JACIREMA DE JESUS FERNANDES DIAS**

**LETRAMENTO DIGITAL: Formação para o conhecimento de
informática por meio do projeto UNIFAPDIGITAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras com habilitação em Língua Francesa, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciado Pleno.

Data: ____/____/____

Nota: _____

Prof.^o Msc. Rafael Pontes Lima
Orientador – UNIFAP

Prof^a. Dr. Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento
Avaliador - UNIFAP

Prof^a. Dr. Adélma Barros Mendes
Avaliador – UNIFAP

MACAPÁ-AP,
2014

Para nossos pais, nossa eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela dádiva da vida.

Aos nossos pais por guiarem os nossos primeiros passos rumo ao que somos.

À nossa família que sempre nos apoiou e entendeu nossa ausência nos momentos de dedicação aos estudos.

Ao nosso orientador, conselheiro e amigo Prof^o Msc. Rafael Pontes Lima.

A todos os professores que nos ajudaram com experiências, incentivos, ideias, conselhos e apoio em nossos estudos.

Aos amigos que nos apoiaram, nos incentivaram em nossa carreira acadêmica.

A todos aqueles que, de alguma forma, ajudaram a semear, cultivar e colher os frutos desses anos de curso.

« Soyons reconnaissants aux personnes qui nous donnent du bonheur ; elles sont les charmants jardiniers par qui nos âmes sont fleuries »

[Marcel Proust]

RESUMO

Este estudo analisou o processo de letramento digital, que se refere à aquisição de práticas de leitura/escrita/uso, possibilitadas pelo computador, desenvolvido por meio do projeto de extensão e inclusão, denominado UNIFAPDIGITAL da Universidade Federal do Amapá. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa consistem em questionários aplicados no início e no final do curso para as turmas do primeiro semestre de 2013. Este procedimento buscou avaliar o perfil dos participantes, bem como investigar os saberes iniciais e finais no que diz respeito ao conhecimento de informática. Os resultados permitiram inferir que o processo de letramento digital ocorre no curso UNIFAPDIGITAL, visto que o aluno iniciante possui pouca ou nenhuma habilidade com as tecnologias computacionais e, a partir do momento em que passa a interagir com elas no curso, apresenta um avanço significativo no conhecimento e no manuseio do computador, permitidas por meio da prática em sala de aula e no uso das ferramentas nas diversas esferas sociais. Conclui-se assim que o projeto UNIFAPDIGITAL possibilita para os participantes o desenvolvimento de habilidades e capacidades de uso, de leitura e de escrita, mediante o computador, permitindo desta forma que ocorra o processo de letramento digital.

Palavras chaves: inclusão digital, letramento digital, tecnologias digitais, práticas digitais.

RÉSUMÉ

Ce travail a analysé le processus de illettrisme digitale, qui se réfère à l'acquisition des pratiques de lecture/écrite/utiliser, qui sont possibilité pour l'ordinateur, duquel se passé au projet de extension et de inclusion, nommé UNIFAPDIGITAL de l'Université Fédéral du Amapá. Les procédures méthodologiques utilisés dans la recherche est à travers de questionnaires appliqués au début et au fin du cours pour les classes du premier moitié d'année de 2013. Ce procédure a cherché évaluer le profil des participants, aussi bien qu'enquêter les connaissances initiales et finales sûr informatique. Les resultats ont permis dire que le processus d'illettrisme digitale se passe dans le cours UNIFAPDIGITAL, si bien que l'élève débutant est possesseur de quelques ou aucunes habillités avec les technologies d'ordinateur et, lorsque il intéragit avec eux au cours d'informatique ils s'évoluent significativement dans le connaissance et dans l'utilisation d'ordinateur, à travers de la pratique en classe et dans l'utilisation de divers sphère sociales. Enfin, le projet UNIFAPDIGITAL permet aux élèves le développement des habillités et capacités de l'usage, de lecture et d'écrit, par milieu d'ordinateur, où se passe le processus d'illettrisme digitale.

Mots -clés: inclusion digitale, illettrisme digitale, technologies digitales, pratiques digitales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Equipe do Projeto UNIFAPDIGITAL.....	40
Figura 2: Alunos do curso	41
Figura 3: Equipe de Monitores	42
Figura 4: Alunos do curso	43
Figura 5: Página eletrônica do Projeto.....	44
Figura 6: Plataforma Moodle	45
Figura 7: Avaliação do curso	73
Figura 8: Avaliação do curso	73
Figura 9: Avaliação do curso	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Declaração de Hipossuficiência.....	49
Gráfico 2: Faixa etária	49
Gráfico 3: Naturalidade.....	50
Gráfico 4: Escolaridade	50
Gráfico 5: Profissão.....	51
Gráfico 6: Possui Computador?	52
Gráfico 7: Tem acesso à internet?.....	52
Gráfico 8: Possui curso na area de Informática?	52
Gráfico 9: Pré-teste – 1ª questão: Como soube do curso?	54
Gráfico 10: Pré-teste 2ª questão: O que o(a) motivou a fazer o curso?	55
Gráfico 11: Pré-Teste 3ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?	55
Gráfico 12: Pré-teste4ª questão: O que espera aprender no curso?	56
Gráfico 13: Pré-teste 5ª questão: importância de um curso de informática... ..	57
Gráfico 14: Pré-teste 6ª questão: O que você conhece sobre editores de texto?	58
Gráfico 15: Pré-teste 7ª questão: Já usou um editor de texto?	58
Gráfico 16: Pré-teste 8ª questão: Já acessou alguma rede social? Quais?	59
Gráfico 17: Pré-teste 9ª questão: Já usou algum editor de planilha?	61
Gráfico 18: Pré-teste 10ª questão: Já usou um editor de apresentação?.....	61
Gráfico 19: Pré-teste 11ª questão: Dificuldade ao lidar com o computador	62
Gráfico 20: Pré-teste 12ª questão: Expectativa em Relação ao Curso.....	62
Gráfico 21: Pré-teste 3ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?.....	65
Gráfico 22: Pós-teste 1ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?	66
Gráfico 23: Pré-teste 7ª questão: Já usou um editor de texto?	67
Gráfico 24: Pós-teste 4ª questão: O que você conhece agora sobre editores de texto?	67

Gráfico 25: Pós-teste 5ª questão: documentos produzidos no Word	68
Gráfico 26: Pós-teste 6ª questão: Internet e Emails	69
Gráfico 27: Pré-teste 9ª questão: Já usou algum editor de planilha?	69
Gráfico 28: Pós-teste 7ª questão: Excel	70
Gráfico 29: Pré-Teste 10ª questão: Já usou um editor de apresentação?	70
Gráfico 30: Pós-teste 8ª questão: Microsoft Power Point	71
Gráfico 31: Pré-teste 11ª questão: Dificuldade ao lidar com o computador.	71
Gráfico 32: Pós-teste 9ª questão: dificuldade ao lidar com o computador.	72
Gráfico 33: Pós-teste 10ª questão: a metodologia dos monitores foi eficaz para sua aprendizagem?	74
Gráfico 34: Pós-teste 11ª questão: a qualidade do Curso.....	75
Gráfico 35: Resultados Gerais: ANÁLISE DO PROCESSO DE LETRAMENTO DIGITAL....	76
Gráfico 36: Análise do Processo de Letramento Digital Quanto ao Domínio das Ferramentas	77
Gráfico 37: Dificuldades Apresentadas.....	78

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>13</u>
<u>2. LETRAMENTO DIGITAL.....</u>	<u>18</u>
<u>2.1 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO</u>	<u>19</u>
<u>2.2 O ESPAÇO DA ESCRITA DO PAPEL PARA A TELA DO COMPUTADOR.....</u>	<u>21</u>
<u>2.3 O LETRAMENTO DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR</u>	<u>27</u>
<u>3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DIGITAL</u>	<u>30</u>
<u>3.1 O PROGRAMA GESAC</u>	<u>33</u>
<u>3.2 PROINFO</u>	<u>36</u>
<u>4 O PROJETO UNIFAPDIGITAL</u>	<u>39</u>
<u>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS</u>	<u>46</u>
<u>5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA</u>	<u>46</u>
<u>5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS.....</u>	<u>47</u>
<u>5.2.1 QUESTIONÁRIO PERFIL.....</u>	<u>48</u>
<u>5.2.2 QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE</u>	<u>53</u>
<u>5.2.3 QUESTIONÁRIO PÓS-TESTE.....</u>	<u>64</u>
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>79</u>
<u>7 REFERÊNCIAS.....</u>	<u>83</u>
<u>APÊNDICE</u>	<u>86</u>
<u>ANEXO</u>	<u>93</u>

INTRODUÇÃO

A inclusão digital é um tema que está em plena discussão hoje no Brasil, e esse fato nos leva a debater políticas que compreendam o acesso às novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como elementos essenciais para que o cidadão esteja inserido e apto a interagir no que diz respeito a profissões, hábitos sociais, mercado, estudos, economia, política e outros setores da sociedade.

Lemos (2007) parte do princípio de que a inclusão digital não é alcançada apenas quando se disponibilizam computadores ou acesso à internet, mas quando o indivíduo é colocado em um processo mais amplo de exercício pleno de sua cidadania.

Discutir sobre os objetivos e os significados que o termo inclusão digital abrange realmente motiva interrogações como: “A inclusão digital seria somente capacitar as pessoas para o uso de recursos tecnológicos? Incluir digitalmente seria apenas garantir e democratizar o acesso às tecnologias?” (BONILLA e PRETTO, 2011).

É observável que a utilização do termo inclusão digital tem sido frequente nos setores públicos, principalmente nas abordagens políticas de caráter geral e populista, como uma espécie de solução para os entraves da atual sociedade.

O Programa Identidade Digital do Estado da Bahia (2004), por exemplo, associa a inclusão digital ao estímulo a geração de emprego e renda; promoção de melhoria da qualidade de vida das famílias; ao incentivo a construção e manutenção de uma sociedade ativa, culta e empreendedora. Mostrando assim que as exigências de qualificação profissional e as habilidades com as tecnologias digitais são requisitos imprescindíveis na atualidade.

Neste viés de discussão é notório que a informática realmente está tão presente em nossa rotina, como no enviar de uma mensagem (SMS) via aparelho celular, o utilizar um caixa eletrônico de um banco, no manusear o controle da TV, no programar de um eletrodoméstico, ao conversar com

amigos por meio de redes sociais, nos jogos eletrônicos, enfim, as mais diversas atividades em que utilizamos a informática passam a ser despercebidas por muitos, fazendo-nos acreditar que a inclusão digital alcançou todos os cidadãos.

E neste contexto Buzato (2007) afirma que a inclusão digital é algo que se realiza por meio da ação e que reflete diretamente no processo de letramento digital, estando a prática social da linguagem e de suas tecnologias presentes nos contextos de inclusão.

O processo de letramento digital de acordo com Soares (2002) se refere à aquisição de práticas de leitura/escrita/uso possibilitadas pelo computador e internet. Esse conceito vem ganhando relevância em virtude da rápida convergência de informações e pela produção e circulação de textos inseridos nas diversas mídias como TV, internet, jornais digitais, mídia impressa e outras. Diante disso, vale perguntar: O que realmente se requer para ser letrado digitalmente? Como acontece o processo de letramento e inclusão na era digital?

Muitos são os programas do governo que visam sanar o problema do analfabetismo digital, porém, para Bonilla (2005), as ações do MEC ainda são incipientes, visto que até agora somente o PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação) oportuniza um ensino voltado para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Este programa adota a proposta de integrar as mídias na educação e contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima as escolas (BRASIL, 2007).

Dentre os programas e projetos que o Governo Federal oferece em prol da inclusão digital estão aqueles que envolvem o estudante de graduação na formação acadêmica e ao mesmo tempo a inclusão social da comunidade externa.

É o caso do Programa de Extensão Universitária (Proext), do qual a Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social (Secis), do Ministério

da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), financia projetos nas instituições públicas de ensino e pesquisa voltados para a inserção das tecnologias digitais na sociedade através de cursos de extensão universitária.

Como outros projetos, por exemplo, o GESAC que prevê a instalação de Telecentros em escolas públicas e comunidades onde não há acesso a tecnologia. Esses telecentros são equipados com computadores, mobiliário e acesso a internet, de forma a permitir o contato com as tecnologias digitais (BRASIL, 2007).

Para que haja um acesso significativo às novas tecnologias e ao letramento digital é necessário que o indivíduo esteja inserido em uma prática social, que lhe permita interagir com o computador, com o meio e com outros indivíduos. Negar-lhes a oportunidade e o direito às práticas sociais é contribuir para a perpetuação da desigualdade e exclusão social em nosso país.

E nesta perspectiva, encontramos um caminho para estudo que baseia-se em uma sociedade dominada pela informação e comunicação e que se expande de forma veloz juntamente com diversas mídias. Este se refere ao processo de letramento digital através de um projeto de extensão e inclusão que acontece na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, denominado UNIFAPDIGITAL.

A UNIFAP por meio deste projeto assume o papel de promover a extensão universitária e ao mesmo tempo apoia programas do governo que tem como objetivo a inclusão digital.

A implantação deste projeto na UNIFAP partiu do objetivo de combater a exclusão digital e garantir a acessibilidade, tendo como iniciativa fundamental a capacitação da comunidade acadêmica para a inserção na sociedade da informação, qualificando-os rumo à cidadania digital e ativa.

Desde sua execução como projeto piloto em 2010, vem ganhando a cada ano grande dimensão de propagação e de resultados, tanto que abriu as portas para atender também a comunidade em geral.

Mesmo diante da relevância que o projeto assume hoje dentro Universidade Federal do Amapá é pertinente questionar, como problema de

pesquisa: *Como o Projeto UNIFAPDIGITAL promove o Letramento Digital dos alunos participantes do curso?*

Partimos da hipótese de que o processo de letramento digital ocorre no curso através da prática docente, em que o aluno iniciante que não possui habilidades com as tecnologias digitais, irá interagir com essas tecnologias no curso e no decorrer do processo será possível verificar um avanço no conhecimento da informática, a partir do desenvolvimento das atividades com o uso do computador para construir textos, montar planilhas eletrônicas e produzir apresentações, navegar na internet, enviar emails, fazer pesquisas eletrônicas, entre outras operações que ocorreram durante sua participação nas aulas com o uso prático da ferramenta tecnológica.

Acreditamos ainda que o conhecimento adquirido ao longo do curso sobre as tecnologias digitais foi um importante instrumento para a execução de tarefas cotidianas como enviar um email a um amigo, manusear um caixa eletrônico, preparar um texto e imprimi-lo, entre outras tarefas que não realizavam ou dependiam de alguém mais experiente para realizar, por estarem excluídos do uso das tecnologias digitais.

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa consistem em questionários aplicados no início e no final do curso, em que dos 72 (setenta e dois) alunos matriculas, 54 (cinquenta e quatro) fizeram o formulário pré-teste e 38 (trinta e oito) responderam o formulário pós-teste. Este procedimento buscou avaliar o perfil dos participantes, bem como investigar os saberes iniciais e finais no que diz respeito ao conhecimento de informática.

Para que alcançássemos uma resposta ao problema de pesquisa, delimitamos como objetivo geral: *Analisar se o projeto UNIFAPDIGITAL promove o processo de letramento digital aos alunos.*

Como forma de contemplar este objetivo, delimitamos alguns objetivos específicos: *Diagnosticar o conhecimento inicial em informática dos alunos selecionados para o projeto; acompanhar o processo de ensino de informática durante as aulas ministradas no projeto; avaliar o conhecimento de informática*

dos alunos ao final do curso proposto pelo projeto; comparar o conhecimento inicial e final dos alunos do curso sobre o uso funcional do computador.

Nosso trabalho encontra-se distribuído em cinco capítulos, além destes, a introdução e as considerações finais, conforme seguem:

O primeiro capítulo introduz o percurso deste trabalho, mostrando de maneira geral o que foi abordado no decorrer dos capítulos.

No segundo capítulo aborda o *Letramento Digital*, onde se destaca a importância da prática social e do uso das tecnologias nos diferentes contextos de inclusão. Além disso, se explicitam as concepções de alfabetização e letramento; a “cultura da tela” como novo espaço de leitura e escrita e o letramento digital no contexto escolar.

No terceiro capítulo discute políticas *públicas voltadas a Inclusão Digital*, apresenta os projetos que o governo vem promovendo em função da inclusão digital, fazendo um estudo sobre o programa PROINFO, que objetiva a formação de monitores na área de informática e o projeto GESAC, que é responsável pelo aparelhamento dos telecentros em Instituições de Governo Federal e Estadual.

No quarto capítulo apresenta a *contextualização do projeto UNIFAPDIGITAL*, onde se explana o intuito e o espaço adquirido dentro da Universidade Federal do Amapá para promover a inclusão e acessibilidade dos acadêmicos e da comunidade externa quanto ao conhecimento informacional.

No quinto capítulo se tratamos resultados do *estudo de caso UNIFAPDIGITAL*, detalhando a metodologia utilizada na pesquisa, bem como a análise e os resultados dos dados coletados no estudo.

2. LETRAMENTO DIGITAL

O letramento digital é o tema que vem sustentando os discursos atuais em relação à tecnologia e sociedade. Este tema estende uma ampla reflexão no que se refere à linguagem digital quanto a sua prática social e o uso das tecnologias nos diferentes contextos de inclusão.

Antes de partirmos para as concepções de letramento digital, observemos duas situações em diferentes contextos contemporâneos, retirados do livro *Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social* (ROJO, 2009, p.96 e 104):

Suzana está sem dinheiro vivo na carteira e precisa comprar remédios. De duas uma: ou vai ao caixa eletrônico e segue as instruções na tela, digitando os códigos alfanuméricos pra retirar dinheiro vivo, ou vai diretamente à farmácia e usa o cartão de crédito ou de débito, também seguindo as instruções da tela no terminal e digitando códigos alfanuméricos, para realizar a compra sem precisar do dinheiro.

Daniel: koehblzmlk???

Pedro: blz e cntgu???

Daniel: manerow, mas i aewcmu vai a vida ???

Pedro: tenhuidu a praia e saído com msamigus!

Daniel: lglkra, valew!

As duas situações elencadas podem “parecer” simples e normais, pois alguns se veem diante de contextos semelhantes cotidianamente. Porém, se analisarmos o que aconteceu nos dois contextos percebe-se que é necessário o uso, o desenvolvimento de habilidades e práticas de letramento para participar de situações semelhantes.

Primeiro, para Suzana se dirigir ao caixa eletrônico, no mínimo ela precisa ter conhecimentos de números, de códigos alfanuméricos e da leitura.

Segundo, para que Daniel e Pedro consigam manter e seguir a conversa, ambos utilizam a linguagem *internetês*¹, que para ela é necessário análise linguística e consciência fonética, por exemplo, nas expressões “cntgu”, “cmu” e “idu” há uma escrita alfabética e também recursos reservados à transcrição fonética.

Em ambos os contextos, os indivíduos estão condicionados às práticas de letramentos múltiplos. Mas o que é letramento? O que está envolvido em “práticas de letramento”? O que é necessário para um indivíduo ser inserido no contexto do letramento digital?

2.1 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A partir de 1990 passou-se a reconhecer que um mesmo cidadão que não sabe ler e escrever códigos consegue ter uma representação clara a respeito da função social da escrita e realizar atividades complexas sendo orientado por ela (ARAÚJO, 2007).

Por exemplo, olhar para um relógio e dizer as horas; reconhecer notas de dinheiro e assim por diante. Partindo desse entendimento houve a necessidade de se buscar uma noção que fosse além do contexto da alfabetização.

Até então, a alfabetização restringia-se à atividade de (de)codificar a escrita, estando ligada ao processo de escolarização. Porém mesmo sabendo ler e escrever, muitos não conseguem construir uma argumentação, ler um mapa, um gráfico, redigir um documento, etc.

Assim sendo, as concepções de letramento surgem para explicar a revolução sócio-histórica da escrita no bojo das sociedades letradas. Mas isso não quer dizer que a alfabetização e o letramento sejam práticas separáveis,

¹*Internetês* é um neologismo que designa a linguagem utilizada no meio virtual, onde muitas palavras são abreviadas ou escritas apenas com alguns códigos lingüísticos para representação fonética das palavras. Isso se deve ao grande uso das redes sociais na internet, que para conversarem mais rapidamente utilizam a linguagem do internetês para facilitar a digitação.

mesmo porque são atividades que a visam uma participação social mais crítica, igualitária e justa.

Alguns autores associam e definem letramento à prática da leitura e da escrita. Conforme Kleiman (1995, p.19): “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Assim o letramento associa-se a atividades e eventos relacionados com o uso, a função e impacto social da escrita. Já para Tfouni (1988 e 1995) é necessário esclarecer que há uma diferença entre alfabetização e letramento:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (TFOUNI, 1988, p. 9 e 1995, p. 9-10) (*grifo nosso*).

Segundo esta citação, é compreensível que a alfabetização esteja voltada para a aprendizagem do ler e do escrever no “âmbito do individual” através do contexto e do processo de escolarização. E o letramento volta-se para a aquisição da escrita e sua prática dentro de diferentes esferas sociais.

Em ambas as concepções as atividades de letramento são práticas sociais de ler e de escrever que vão além do processo de aquisição do sistema da escrita, quer dizer, o conceito de letramento abrange muito mais do que alfabetização.

E nesta visão vale considerar o que Soares (1998, p.47) aborda: “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis, [pois] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das

práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Essa “prática social da leitura e da escrita” citada inclui as atividades de uso do computador e da internet como essenciais na vida das pessoas, que passam a fazer parte do contexto do letramento digital.

Logo, é compreensível que o Letramento Digital (LD) vem ser a apropriação que um grupo ou um sujeito faz do manuseio do computador e da internet. E a partir do momento que o indivíduo passa a ser letrado digitalmente, poderá estar inserido em uma sociedade que realiza práticas múltiplas de letramento, incluindo as digitais.

2.2 O ESPAÇO DA ESCRITA DO PAPEL PARA A TELA DO COMPUTADOR

Considerando que nos últimos anos surgiram várias ferramentas de ler e de escrever, os modos de letramento passaram a configurar um novo domínio de uso da palavra, constituindo o espaço digital.

Essas ferramentas podem ser encontradas nos mais diversos “espaços” de uso do computador e da internet por meio de várias atividades, como escrever e-mails, fazer transferências bancárias, recadastrar CPF, namorar no *chat* aberto, manter um *profile* no facebook etc.

Concretizando certa mudança no espaço da escrita da página para a tela, sendo também a produção, a reprodução e a difusão dos textos através de novos mecanismos denominados de hipertextos (SOARES, 2002).

Do ponto de vista de Buzato (2007) ao focalizar o espaço da escrita esclarece que

“os estudos têm buscado caracterizar os LD em função da utilização de diversos tipos de telas eletrônicas sobre as quais o texto e/ou imagens aparecem organizado(s) na forma de janelas que se aninham ou se sobrepõem espacialmente, ou se sucedem temporalmente”. (p.159)

Para ele a escrita ganhou “novo suporte” que está relacionado:

“não apenas à grande flexibilidade e multilinearidade na progressão da leitura e da escrita, como também a uma utilização muito mais intensa de imagens, sob suas diversas formas (ícones, imagens fotorealistas, vídeos digitais, animações vetoriais, emoticons, etc), e com funções variadas (não apenas ilustração, mas também navegação, organização, referência, etc.), nos textos contemporâneos” (BUZATO, 2007, p.159-160).

Esta nova forma de ler e escrever, através da tela do computador, favorece e abre portas para diversas maneiras de leitura e possibilita a utilização de novas ferramentas na produção de textos.

Porém, ao se referir aos mecanismos de produção, difusão e reprodução dos textos digitais:

“os autores simpáticos à tese da ruptura têm destacado o fato de que os textos eletrônicos multilineares, ou hipertextos, produzidos, estocados e lidos em computadores e/ou redes telemáticas espacialmente distribuídas, enfraquecem o princípio da "autoria", isto é, que facultam ao leitor um papel muito mais ativo na construção dos percursos de leitura e portanto das suas interpretações” (BUZATO, 2007.p.160).

Essas mudanças, tanto no “espaço” da escrita quanto na produção, reprodução e difusão de textos digitais, geram grandes repercussões, visto que se atribui a essa modalidade de texto a garantia de concretizar o conceito da intertextualidade e desfavorecer o monólogo da página impressa.

A intertextualidade impossibilita de “se eleger um centro privilegiado de significação no universo virtualmente infinito de conexões disponíveis”. Esses fatores, entre outros, têm sido apontados por LÉVY (1999, *apud* Buzato, 2007, p.161) como: “geradores de uma nova relação da humanidade com o conhecimento visto agora mais claramente como essencialmente instável e construído coletivamente”.

Isto é possível tendo em vista que neste “espaço” virtual há uma gama de opções de pesquisa, de leitura que auxiliam na construção de sentidos e significações.

Por exemplo, se formos buscar construir um conceito para “inclusão” encontraremos diversos artigos, teses, livros, imagens, links que direcionarão a outros links (hipertextos), vídeos e outras ferramentas relacionados ao tema, que permitirá assim uma base mais formulada de ideias, opiniões e direcionamentos de autores que talvez não pudéssemos conhecê-los ou ter acesso caso pesquisássemos somente nas publicações impressas.

Embora cada tecnologia apresente um “espaço de escrita” diferente, sua forma exige um lugar onde possa ser inscrita/escrita, possibilitando “estilos de pensamentos diferentes”.

Soares (2002) faz um estudo sobre tecnologias tipográficas e digitais de leitura e de escrita onde confronta as modalidades de interação feita pela tela com as do papel, considerando o espaço da escrita e os mecanismos de produção e difusão dos textos.

A autora explica que no início da história da escrita, a tabuinha de argila ou madeira ou até mesmo uma pedra polida serviam como “espaço de escrita”, o que mais tarde procederam com rolo de papiro até a descoberta do códice e, por fim, a página branca de papel.

É perceptível também que há uma relação bem próxima do “espaço físico e visual” da escrita com as práticas de ler e de escrever.

A superfície da escrita como a feita quer na argila úmida, na pedra quer no papel, tinham suas especificidades que estavam relacionadas com o próprio sistema de escrita, que era exigido de acordo com a superfície, por exemplo, o resultado do que se escrevia na argila e na pedra era bem diferente do que se produzia no papel. Não era possível escrever textos longos na pedra e na argila, mas já no papel nasciam variados gêneros textuais.

Diferente do espaço da escrita do códice, das pedras e do papel, no computador é a tela, que possibilita a produção de uma escrita conhecida como hipertexto, que para Lévy (1999), é “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”.

Este tipo de texto é lido de “forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida” (SOARES, 2002).

Uma vez que o texto escrito apresenta matéria definida, com início, meio, fim, páginas numeradas, com uma estrutura própria, o hipertexto é lido de acordo com o leitor, ele escolhe onde “clica”, abre e fecha a tela que desejar tendo ela uma estrutura temporal.

É importante ressaltar que o novo espaço da escrita, a tela, oportuniza uma melhor interação entre o leitor/escritor/texto permitindo uma relação mais ampla até mesmo entre o conhecimento e o indivíduo.

E o mais interessante que podemos destacar neste estudo é que toda e qualquer mudança proveniente do espaço que envolve a leitura e escrita vem propiciando e ultrapassando barreiras sociais, cognitivas e discursivas que permitem configurar o letramento digital como:

“certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição– do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2002, p.151) (*grifo nosso*).

Além de propiciar novas formas de acesso à informação, a tela como espaço de escrita e leitura, oferece novas maneiras de construir conhecimentos e acima de tudo de ler e escrever, promovendo assim o letramento digital, ou seja, um novo “estado ou condição” para exercer as práticas de leituras e escritas através das “janelas”.

Esta forma de leitura amplifica e modifica funções cognitivas humanas, relacionadas à imaginação e à percepção, ambas são trabalhadas por meio de simulações e de sensores digitais.

Essa relação do leitor com o texto, através da tela, altera diretamente as maneiras de ler e conseqüentemente os processos cognitivos. Chartier (1994) explica que neste espaço de escrita, a representação eletrônica dos "textos tende a modificar sua condição", visto que substitui a materialidade do impresso pela imaterialidade de textos sem lugar definido, tornando possível “à

captura imediata da totalidade da obra”, sucedendo “a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites”.

De forma imperativa esse espaço de leitura comanda atividades cognitivas, favorecendo não apenas novas maneiras de ler e de escrever, mas também técnicas intelectuais.

Em nossos dias, o texto eletrônico vem modificando o entendimento sobre letramento, pois esta “nova cultura” apresenta aspectos presentes também no texto manuscrito, por exemplo, ambos não são estáveis, nem monumentais nem controláveis.

Isso acontece porque os copistas e leitores podem interferir no texto tanto no manuscrito quanto no hipertexto, escolhendo e seguindo suas maneiras de leitura; alterando e acrescentando por não serem permanentes e muitas vezes transitórios; possuírem quase total liberdade de produção e difusão.

Em contrapartida, o texto impresso apresenta um distanciamento entre o leitor e o escritor, por já possuir uma estrutura definida, um sentido próprio, uma sequência de leitura e limites de interpretações, tornando o leitor apenas um “visitante” que se dirige ao “monumento”, no caso o autor.

O que não acontece com o hipertexto, até porque o leitor do gênero eletrônico se torna mais participativo e construtivo no sentido e ordenação do texto. Além disso, a intertextualidade é presente devido à articulação de diferentes gêneros e de diferentes autorias encontrados nos hipertextos, o que enriquece os efeitos sobre as práticas de leitura e de escrita.

É importante entender que o letramento digital não se restringe somente ao espaço da leitura e da escrita por meio da tela, há muitos eventos relacionados que procedem através de outros meios, como por exemplo, da internet, que pode ser acessada por periféricos (celular, tablets, smarth) onde práticas e habilidades são desenvolvidas competindo ao ato de ler e escrever.

Vale lembrar aqui os exemplos citados no início deste capítulo, onde embora os indivíduos envolvidos estivessem em contextos de letramentos diferentes, fez-se necessário o uso das práticas digitais.

O sucesso de Suzana diante do caixa eletrônico foi consequência do exercício constante do serviço de autoatendimento (*remote banking*), proporcionado pelo banco virtual juntamente com seus conhecimentos construídos sobre códigos alfanuméricos e da leitura.

Já no caso de Daniel e Pedro, a frequência nos bate-papos (chats) nas redes sociais, no uso das mensagens instantâneas, lhes permitiram o utilizar da linguagem internetês, que além de proporcionar saberes relacionados à escrita alfabética e a transcrição fonética, atende necessidades como: escrever rapidamente em situações síncronas; simplificar o uso do teclado; estabelecer contato mais íntimo e familiar com outros e etc.

Quando falamos de letramento digital não nos privamos somente a “cultura da tela”, mas, como foi discutido até o momento, este “novo letrar” envolve e reconhece diferentes tecnologias de escrita.

Neste sentido Soares (2002) explica que a palavra letramento necessita de pluralização visto que “já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial”.

Por alcançar esta plenitude e competir ao grau de pluralização, a autora acrescenta que o letramento deve:

“... enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos” (SOARES, 2002, p.156) (*grifo nosso*).

Assim, ao fazer uso de diferentes tecnologias sejam elas voltadas as práticas e de leitura ou de escrita, o individuo adquire habilidades que o permitirão participar e estar inserido em eventos de letramentos digitais, realizando atividades significativas e competindo ao seu crescimento social, cultural e cognitivo.

O uso das tecnologias de escrita nos mais diferentes espaços de escrita envolve atividades como: enviar um e-mail, digitalizar um documento, utilizar eficazmente o computador e as ferramentas que o compõe, acessar a internet através do celular, realizar auto-atendimento mediante o caixa eletrônico e outras diversas práticas em que a leitura e escrita possam ser realizadas no contexto da cultura da tela.

2.3 O LETRAMENTO DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR

As práticas de leitura e de escrita mediadas pela tela, ao longo do tempo, ocasionaram diferentes letramentos em nossos dias, até porque quando falamos de letramento, referimo-nos a um fenômeno plural, tanto historicamente como contemporaneamente.

Diante da concepção que o uso das diferentes tecnologias envolve atividades práticas do dia a dia, é fácil entender que a sociedade deve criar meios para que seja possível o acesso às tecnologias, fazendo com que os sujeitos possam participar de forma plena e igualitária nas atividades que permitam o exercício da cidadania.

Assim, dentro os meios usados pela sociedade para promover esta acessibilidade e inclusão, a escola é principal aliada neste processo, sendo ela a responsável por incentivar as práticas de letramentos e executar as políticas voltadas à educação.

Um dos principais objetivos da escola, conforme explica Rojo (2009, p. 107), “é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Para isso a educação oferecida à população deve ser de forma ética e democrática. Neste contexto, autores discutem a influência dos “letramentos” que são valorizados na sociedade e ao mesmo tempo ignorados pelas instituições de ensino.

Hamilton (2002) aponta que esses fatos para a escola “não contam como letramento verdadeiro”, uma vez que exclui, por exemplo, a linguagem

internetês, mencionada no primeiro tópico deste capítulo, utilizada pelos jovens fora da sala de aula e ignorada como degradação da língua. Desta forma, as redes sociais e informais continuam desconhecidas nos ambientes escolares, principalmente quando em seus laboratórios de informática é proibido o acesso ao facebook, MSN, Skype, Twitter, Chats e outros.

Vale ressaltar que a presença da tecnologia nas escolas não quer dizer qualidade de ensino e aprendizagem, porém a ampliação do acesso a esses meios tem impactos visíveis nos multiletramentos.

Rajo (2009, p. 106) mostra que “o ingresso de alunado e de professorado das classes populares nas escolas públicas trouxe para os intramuros escolares letramentos locais ou vernaculares antes desconhecidos”, como o uso das mídias digitais, por exemplo.

Essas mudanças exigem com que a escola se “adapte” para possibilitar que seus alunos participem de diferentes letramentos nas mais diversas práticas sociais.

No ensejo de ter as mídias digitais nas instituições de ensino Bonilla (2005) explica que “a tecnologia na escola é tomada como um recurso a mais, que serve apenas para complementar ou animar uma prática já instituída e não para transformar as formas de pensar e produzir conhecimento”.

Este pensamento leva à necessidade de acesso e formação do professor quanto às novas tecnologias, o uso de computadores e Internet, integrando-os à sua prática profissional e transformando para melhor inseri-la no contexto de ensino-aprendizagem.

Diante das concepções de Buzato (2006) que a escola deve conferir uma nova roupagem ao ensino, empenhando numa formação significativa de sujeitos letrados, visto que:

letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (p.16)

A formação de sujeitos letrados compete à escola reverte-se numa pedagogia renovada, entendendo que não é suficiente para o aluno saber ler pequenos textos para garantir o exercício da cidadania, mas sim é necessário adequar-se à sociedade letrada em que exige usos sofisticados de conhecimentos relativos à escrita e a leitura, propiciados pelas práticas digitais.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DIGITAL

Como já vimos no capítulo anterior a inclusão digital é um objetivo a ser traçado a todos os brasileiros e dessa forma veremos quais as políticas públicas que o governo está implantando para integrar os cidadãos à *Sociedade da Informação*.

Qual a preocupação da administração pública na inserção daqueles que não tem conhecimento em informática quando se dispõe de serviços públicos nos ambientes virtuais por meio da internet?

Os objetivos do governo são a utilização das modernas tecnologias de informação e comunicação (TICs) para democratizar o acesso à informação, ampliar discussões e dinamizar a prestação de serviços públicos com foco na eficiência e efetividade das funções governamentais.

Segundo Neto e Miranda (2010) o governo eletrônico² vem dispondo computadores nas escolas para atender o Cidadão com o Programa Gesac (Brasil, 2002), que abrange as instituições públicas de ensino, instituições públicas de saúde, unidades do serviço público localizadas em áreas remotas, de fronteira ou de interesse estratégico e outras instituições públicas, bem como entidades da sociedade civil sem fins lucrativos.

Este programa tem proporcionado inclusão digital de pessoas com baixa renda. Neto e Miranda (2010, p. 94) apud Warschauer (2003) dizem que as ações de inclusão digital promovidas pelo Gesac, seus parceiros e conveniados são motivadoras e tem possibilidade de realizar a alfabetização digital dos excluídos, os indicadores foram elevados para uso de algumas ferramentas ou domínio e encorajam o processo do novo letramento entre os incluídos.

Embora sejam muitos os programas do governo que visam sanar com a problemática do “analfabetismo digital”, Bonilla (2005), mostra que as ações do

² Governo Eletrônico é toda a prestação de serviços e informações, de forma eletrônica, para outros níveis de governo, para empresas para os cidadãos, 24 horas por dia, sete dias por semana. (Definição adaptada da revista *Public Management*, june, 2001: 5.)

MEC ainda são incipientes, visto que até agora somente o PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação) oportuniza um ensino voltado para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Este programa adota a proposta de integrar as mídias na educação e contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima as escolas.

Mesmo tendo um caráter ideológico e impreciso, a sociedade atual está sendo denominada “sociedade da informação”, que se utiliza dos meios digitais e de tantos instrumentos midiáticos para as tarefas do cotidiano, por se tratar de mecanismos que transportam a informação de maneira rápida e em quantidades inimagináveis há uns anos atrás, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.

Segundo o Livro Verde³ de 2000, fazer parte da *Sociedade da Informação* é estar inserido no meio digital para o crescimento informativo e ir à busca das inter-relações com pessoas do mundo todo devido às configurações socioculturais serem impulsionadas pelas convergências tecnológicas. Esta configuração de sociedade soma-se às necessidades políticas, sociais e culturais de inclusão da população à informação.

Além disso, a sociedade da informação tem pretensão de desenvolver uma região para ser atraente aos negócios e os empreendimentos oferecendo uma infraestrutura de informações que permitem às regiões um maior conhecimento do mercado, promovendo, assim, a integração de pessoas.

As políticas públicas que o governo tem favorecido para a integração dos cidadãos na sociedade da informação são aquelas que vinculam o seu propósito na inclusão digital, que notoriamente são sete linhas de ação: mercado, trabalho e oportunidade, universalização de serviços, educação para

³O **Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil** aponta uma proposta inicial de ações concretas, composta de planejamento, orçamento, execução e acompanhamento específicos do Programa Sociedade da Informação. – <http://www.mct.gov.br>

sociedade de informação, conteúdos e identidade cultural, governo ao alcance de todos, tecnologias-chave e aplicações e infraestrutura avançada.

Dessa forma o governo, na intenção de amplificar as informações das ações governamentais e realizar com mais acessibilidade a prestação de serviços públicos, prioriza a inclusão digital, a universalização de serviços, governo ao alcance de todos e infraestrutura avançada.

A inclusão digital se aplica aquelas pessoas que vivem em regiões menos desenvolvidas através de projetos que possibilitam o ensino da informática e na formação para o mercado de trabalho.

O fato é que o objetivo do governo é fazer com que as pessoas possam se utilizar da informática para estar a par das ações do governo, utilizar recursos que viabilizem a necessidade do cidadão, executar tarefas com mais facilidade e rapidez, além de prestar contas ao governo sem tanta burocracia.

Coelho (2001, p. 474) nos mostra que a “adoção de mecanismos de participação digital implica um governo baseado em maior interação com a sociedade, onde esta compartilha com o governo tarefas até então específicas deste”, ainda faz alusão ao compromisso do governo eletrônico e às consequências que pode ter quando trás à tona os argumentos de Ferrer e Santos (2004) afirmando que "podem ser produzidas enormes liberações de recursos já destinados em orçamento, destinados a alavancar o desenvolvimento econômico e social...".

Pinho (2008) enfatiza que o governo eletrônico está baseado numa interação com a sociedade em que o mesmo não está se negando os desdobramentos positivos, que englobam não só a disponibilização de serviços e informações aos cidadãos, mas representa um melhor desempenho governamental com benefícios para a população. Traz os exemplos de Ferrer e Santos:

A redução de custos produzida ocorre por diversas vias: “a melhoria na eficiência dos processos internos, a redução dos custos de transação, a eliminação de distorções, sonegação e corrupção e a queda de preços nas compras.” (Ferrer e Santos, 2004:xvii).

O “governo eletrônico” ou “governo digital”, na promoção da utilização das TIC criaram programas de Implantação da Sociedade da Informação reunidos em um livro chamado Livro Verde, publicado no ano de 2000, onde propõem diretrizes para a estruturação de infra-estruturas de comunicação, regulação, educação e universalização de acesso ao ambiente digital que possibilitam aos representantes da administração pública o desenvolvimento de projetos de inclusão digital nos estados e no Distrito Federal.

Posteriormente, ao serem concretizadas, as propostas são inseridas em outras áreas do governo, da iniciativa privada, da comunidade científica e da sociedade civil o plano resultante são as políticas públicas destinadas ao este princípio, as ações estão no Livro Branco⁴.

Contudo para que as pessoas tenham esse conhecimento básico em informática é necessário, além de equipamentos e formadores capacitados, adequar uma linguagem computacional para aqueles que não alcançaram um avanço no nível superior da educação.

Os benefícios da inclusão digital são vários, que partem do individual para o coletivo e vice-versa, através dos projetos que o governo oferece aos brasileiros para que possam realizar diversas tarefas do cotidiano. Nesse aspecto, aprofundaremos nosso estudo nos projetos do PROINFO para falar a respeito da formação de monitores para o ensino de informática e o GESAC que é responsável pelo aparelhamento de Telecentros, dos quais relataremos a seguir.

3.1 O PROGRAMA GESAC

O programa Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão–GESAC, do Ministério das Comunicações vem desempenhando importante papel na realidade da população brasileira. Ele está instalado em diversos pontos do país oferecendo aos cidadãos acesso à internet e o conhecimento

⁴ Livro em que são concretizados os programas para a execução do governo.

de tecnologias digitais. Isso deve-se ao fato de que os avanços tecnológicos estão nos impulsionando a desenvolver capacidades peculiares a essas tecnologias.

A meta dos países em desenvolvimento é estar cada vez mais atualizados no uso dessas ferramentas como fontes de mudança e progresso econômico, além de modificar os costumes de toda uma sociedade. O Brasil, almejando o progresso econômico também, limita-se ao provimento de políticas públicas para a erradicação da exclusão digital, como é o caso dos programas de inclusão digital.

Os Programas de Inclusão Digital – PIDs – são desenvolvidos em diversas regiões do país, porém ainda são poucos para atender a uma população que é tão prejudicada pela falta de acesso à informação.

Um dos projetos que mais atendem essa demanda é o GESAC, que está presente nas instituições públicas de ensino, nas instituições públicas de saúde, nas unidades do serviço público localizadas em áreas remotas, de fronteira ou de interesse estratégico e outras instituições públicas, bem como entidades da sociedade civil sem fins lucrativos, oferecendo aos estudantes e à comunidade em geral telecentros equipados e aparelhos digitais para o desenvolvimento de capacidades das tecnologias digitais.

Os telecentros do GESAC são financiados pelo governo federal e estão em sua maioria em escolas públicas promovendo a formação de educandos na utilização do computador e no acesso à informação.

Segundo análise de Neto e Miranda (2010), entre os anos de 2006 e 2008, a avaliação do programa entrevistou 9.224 (nove mil duzentos e vinte e quatro) usuários nos 3570 (três mil quinhentos e setenta) pontos em todo o Brasil, onde se verificou que o programa faz muita diferença nos lugares em que está inserido, porém ainda alguns críticos afirmam que apesar da eficiência do programa, ainda há muito a melhorar para que alcance o acesso às TIC's (Tecnologias de Informação) por todos os brasileiros.

De acordo com essa pesquisa feita por Neto e Miranda (2010) a respeito da eficácia e efetividade do projeto apontou certos levantamentos que mostram

que o projeto é um importante para o letramento digital e serve também de subsídio para outros PIDs, principalmente em relação à conectividade, além de oferecer recursos digitais e capacitação para multiplicadores (monitores, professores e agentes de inclusão digital) em todo o país (BRASIL, 2002 e 2008a).

Os pesquisadores ressaltam sobre a realidade das escolas públicas de regiões interiorizadas, das quais os laboratórios do programa são excepcionais para a formação e entretenimento dos alunos, escrevendo:

“Verificou-se que os alunos das escolas públicas tinham o laboratório de informática como única opção para o aprendizado, comunicação virtual e o lazer. Este quadro pode levar ao aumento do contingente de pessoas digitalmente excluídas, no Brasil, uma vez que a alfabetização digital passa a ser fortemente uma demanda de jovens e adultos na nova sociedade e necessidade de mais tempo no uso das tecnologias e capacitação assistidas ou não.”

Coordenado pelo Ministério das Comunicações por meio do Departamento de Infraestrutura para Inclusão Digital, o Programa Gesac oferece conexão de internet via satélite e terrestre à telecentros, com o objetivo de promover a inclusão digital em todo o território brasileiro.

Ele é direcionado, primeiramente, para comunidades em estado de vulnerabilidade social, em todos os estados brasileiros, privilegiando as cidades do interior, sem telefonia fixa e de difícil acesso. Por meio dele, é disponibilizada a infraestrutura fundamental para a expansão de uma rede.

Além de toda a estrutura, o programa GESAC preocupa-se com a formação de seus instrutores e multiplicadores. Primeiramente é dada a formação para os monitores nas instituições federais de ensino através do *Projeto Formação Gesac* em parceria com MiniCom, o Ministério da Educação, a Rede Federal de Educação Tecnológica e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A partir dessa formação os monitores instruem os multiplicadores que são selecionados nas instituições organizadas da sociedade civil, tais como

sindicatos, paróquias e associações de moradores, para auxiliarem nos pontos de acesso do programa GESAC.

Neste contexto, desde 2002, milhares de brasileiros passaram a dispor de acesso à internet por meio do Programa, que oportuniza a inserção no mundo das TIC's e comunicação por meio de uma iniciativa governamental pública, gratuita e democrática.

De acordo com a observação da estruturação e o desenvolvimento do programa nas escolas de rede pública e comunidades carentes é possível indagar que junto com seus parceiros, o programa GESAC é um exemplo de ação inclusiva de cidadãos de baixa renda no Brasil.

Segundo Neto (2010, pag. 94) *apud* Warschauer (2003) “*Entre os incluídos, os indicadores foram elevados para uso de algumas ferramentas ou domínio e encorajam o processo do novo letramento*”.

Diante do que foi apresentando é relevante ressaltar que apesar dos bons resultados relatados pelos analistas, o Programa GESAC ainda é só o começo para a o alcance da inclusão digital no país. Para isso são aplicadas políticas públicas através de programas, projetos e ações agindo, preferencialmente, em comunidades carentes e escolas públicas.

3.2 PROINFO

O Programa de Informática Educacional – PROINFO, implantado sob a Portaria nº 522/MEC de 09 de abril de 1997, objetiva a promoção do uso pedagógico das TIC's, através da instalação de ambientes tecnológicos nas escolas de rede pública, a formação continuada dos professores e agentes educacionais e disponibilização dos conteúdos e recursos educacionais, multimídia e digitais, soluções e sistemas de informação disponibilizados pela SEED/MEC nos próprios computadores.

O PROINFO preocupa-se, principalmente com a formação de professores e dos gestores escolares da educação básica, buscando dinamizar e qualificar o ensino com a utilização das TIC's para a aquisição das

tecnologias digitais na execução de atividades em sala das disciplinas que ministram.

O NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional é responsável pela capacitação e certificação em tecnologias na educação dos professores, gestores e coordenadores.

A prática docente exige que a todo momento há a reciclagem de seus conhecimentos, renovando a didática empregada de acordo com a necessidade de cada ambiente escolar.

A informática é uma “novidade velha”, porém desde quando se aprimorou o uso da informática no mercado de trabalho foi-se necessário também incorporar nas escolas.

O PROINFO oferece um treinamento dos professores da educação básica da rede pública para que em meio a tantas evoluções as crianças e os jovens consigam aprender informática em conjunto com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar.

Através dessa formação dada aos professores e repassada aos alunos se concretiza o letramento digital, que acima de tudo, faz com que os indivíduos que adquirem esse conhecimento possam empregar em suas tarefas diárias e se encaminhem para o mercado de trabalho.

A proposta do programa é bem interessante se cada um obedecer às regras e cumprir com as demandas exigidas, pois para que seja eficaz é necessário que cada órgão faça o seu papel.

O Estado e os municípios recebem o papel de estruturar o ambiente escolar com toda a segurança e climatização de um dos cômodos da escola para receber o laboratório.

A escolha das escolas fica a critério das prefeituras, em que identificarão quais escolas estão aptas a receberem o laboratório do MEC, que por sua vez distribui e instala os laboratórios de informática nas escolas públicas de educação básica de todo o país.

Neste aspecto o programa vem gerando inclusão digital em toda a comunidade escolar com a implantação de um laboratório capaz de incentivar os alunos e a própria escola ao uso da informática como recurso midiático para o ensino e aprendizagem.

Segundo uma pesquisa sobre a implantação do programa em Goiás⁵ feita por notou-se uma grande necessidade de existir um centro que auxiliasse na formação dos professores da rede pública.

Destarte, o programa influencia na estrutura física da escola, bem como na capacitação dos docentes com cursos de especialização na área de tecnologias e promove a inclusão digital dos alunos com a oferta de conteúdos educacionais e ferramentas de interação e comunicação aos professores e alunos em um ambiente de convergência de mídias.

Com o exemplo destes programas federais em parceria com os estados e as prefeituras entendemos um grande avanço na adaptação destas tecnologias digitais para provimento de uma educação mais igualitária. Isto acontece desde o corpo docente ao aluno de periferia.

É muito importante para educação dos brasileiros o desempenho de capacidades que envolvam as tecnologias, pois assim, a sociedade de modo geral torna-se mais autônoma e empreendedora.

As tecnologias estão presentes no cotidiano do cidadão e é necessário investir nesse conhecimento para as próximas gerações estarem mais preparadas para os avanços tecnológicos do mundo. O Brasil caminha para esse objetivo, apesar de ainda estar engatinhando nessas questões.

Muito mais do que equipar laboratórios e dar recurso para a implantação de projetos é necessário verificar a qualidade do ensino das tecnologias digitais nas escolas, nos projetos sociais, etc.

Enfim, deve-se questionar se realmente estão utilizando o seu conhecimento da informática no seu dia-a-dia, para que assim o governo possa investir mais em tecnologia a fim de devolver a sociedade o desenvolvimento do país.

⁵ **ProInfo em Goiás: Desafios, Conquistas e Possibilidades.** Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015048.pdf>>

4 O PROJETO UNIFAPDIGITAL

Os avanços tecnológicos exigem que os países acompanhem o fenômeno da inclusão de forma social, econômica e digital. Para isso não basta somente possuir estrutura tecnológica, mas é necessário envolver a sociedade nesta nova prática e uso das mídias digitais.

O Brasil vem aplicando políticas que visam combater a exclusão digital proveniente da exclusão social que atinge a população de baixa renda. Ao tornar possível a inclusão digital é proporcionado não só o desenvolvimento da sociedade em termos econômicos, mas também o crescimento do indivíduo no exercício da cidadania sem limites e preconceitos.

Para Filho (2003) “três pilares formam um tripé fundamental para que a inclusão digital aconteça: TIC’s, renda e educação”. Isso mostra para que aconteça o processo de inclusão fazem-se necessárias ações do governo (programas ou projetos), ciberespaços democráticos (telecentros), suportes tecnológicos e oportunidades igualitárias de acesso as TIC’s (Tecnologias da Informação e Comunicação).

O estado do Amapá no contexto da inclusão digital possui um agravante na falta de políticas tanto por parte do governo estadual quanto por parte dos municípios na implantação de Telecentros e programas que possibilitem a população quanto ao acesso e uso de computadores e Internet, o que ainda é muito caro, devida a ausência de conectividade com outros estados por cabos de fibra ótica que baratearia os custos, entretanto hoje o acesso à internet ao Amapá apenas por satélites ou ondas de rádio.

Tendo em vista este contexto de exclusão ao acesso a internet e às tecnologias digitais por grande parte da população amapaense, a Universidade Federal do Amapá - UNIFAP implantou em 2010 o projeto de Inclusão Digital e Acessibilidade, hoje conhecido como UNIFAPDIGITAL.

Este projeto tem como objetivo promover a inserção digital e o pleno acesso das pessoas com necessidades educativas especiais ao currículo, métodos, técnicas e recursos educativos, garantindo o acesso à estrutura física e tecnológica da própria Universidade.

De acordo com o projeto básico “a criação do Projeto Telecentro de Inclusão Digital e Acessibilidade em condições de atender às demandas das pessoas com necessidades especiais são específicas e urgentes, não apenas para a UNIFAP e seus acadêmicos, mas para toda sociedade amapaense, pois o intuito é atuar no sentido de promover a inclusão das pessoas com deficiência em todo o Estado”.

Mediante este objetivo o projeto foi elaborado por uma equipe de técnicos do Departamento de Informática – DINFO, hoje NTI (Núcleo de Tecnologia e Informação), da universidade, tendo como coordenador o Professor Rafael Pontes Lima.

Figura 1: Equipe do Projeto UNIFAPDIGITAL



Fonte: foto dos arquivos do projeto tirada em 5 de dezembro de 2013.

Inicialmente, a Universidade Federal do Amapá não comportava espaço suficiente que pudesse abrigar a dimensão do projeto e sua estrutura física, sendo assim foi necessário mesclá-lo a outros departamentos.

A coordenação geral localizava-se no prédio do Departamento de Informática da UNIFAP – DINFO até o ano de 2011, e a partir daí recebeu uma sala exclusiva no prédio do Centro de Vivências da Universidade, para a continuação das atividades administrativas e pedagógicas do projeto.

Devido à parceria do projeto com outras coordenações de cursos de graduação da Universidade, os laboratórios foram primeiramente abrigados no bloco de matemática e Ciências Sociais, denominados, Telecentro1 (UMAP) e

Telecentro2 (P4), posteriormente no bloco de Geografia (O3) e finalmente no bloco de Física (Laboratório de Engenharia Elétrica).

Os laboratórios até o momento comportam 25 computadores, um datashow em cada sala, quadro magnético, câmeras webcam, fones de ouvido, cadeiras acolchoadas, uma lousa inteligente e internet. Todos os laboratórios são climatizados.

Figura 1: Alunos do curso



Fonte: Foto tirada por Jacirema Dias em 28 de junho de 2013.

Destaca-se que todos os equipamentos e mobiliários do projeto UNIFAPDIGITAL foram adquiridos a partir da aprovação via edital no Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), no ano de 2008.

A equipe do projeto é formada por 10 (dez) monitores, o Assessor Pedagógico e o Coordenador Geral. Dos dez monitores um é responsável pela secretaria do curso e, os demais atuam em sala de aula. Vale ressaltar que todos os monitores são acadêmicos da Universidade, escolhidos semestralmente através de Processo Seletivo.

Nesta seleção todos devem ter habilidades e conhecimentos em informática, ter experiência em sala de aula e estar cursando uma graduação na UNIFAP. Após a seleção, todos os monitores são capacitados pela

coordenação do projeto sobre a metodologia utilizada e o conteúdo programático.

Figura 3: Equipe de Monitores



Fonte: Foto tirada por Jacirema Dias em 1 de agosto de 2013.

A pretensão do projeto era atender apenas os acadêmicos da UNIFAP, porém, devido a alta procura por parte da comunidade externa, optou por expandir a oferta à comunidade em geral.

A *priori* as pessoas que participaram da primeira turma do curso eram dos bairros mais próximos da universidade e, a *posteriori* o projeto foi tomando tamanha proporção e conhecimento de todos, que muitas pessoas de bairros longínquos e mesmo de outros municípios participaram do projeto, conforme informou a coordenação do curso.

As aulas do UNIFAPDIGITAL são ministradas nos turnos matutino, vespertino e noturno, em dias alternados compondo a carga horária semanal de seis horas.

Por semestre eram selecionados 150 (cento e cinquenta) alunos distribuídos em seis turmas de 24 (vinte e quatro) alunos cada. Assim, cada sala de aula era dirigida por três monitores atuantes em duas turmas por turno.

Na etapa escolhida para realização deste estudo (1º semestre de 2013), as turmas foram reduzidas para três e conseqüentemente o número de alunos atendidos tornou-se menor, 72 (setenta e dois) alunos.

Figura 4: Alunos do curso



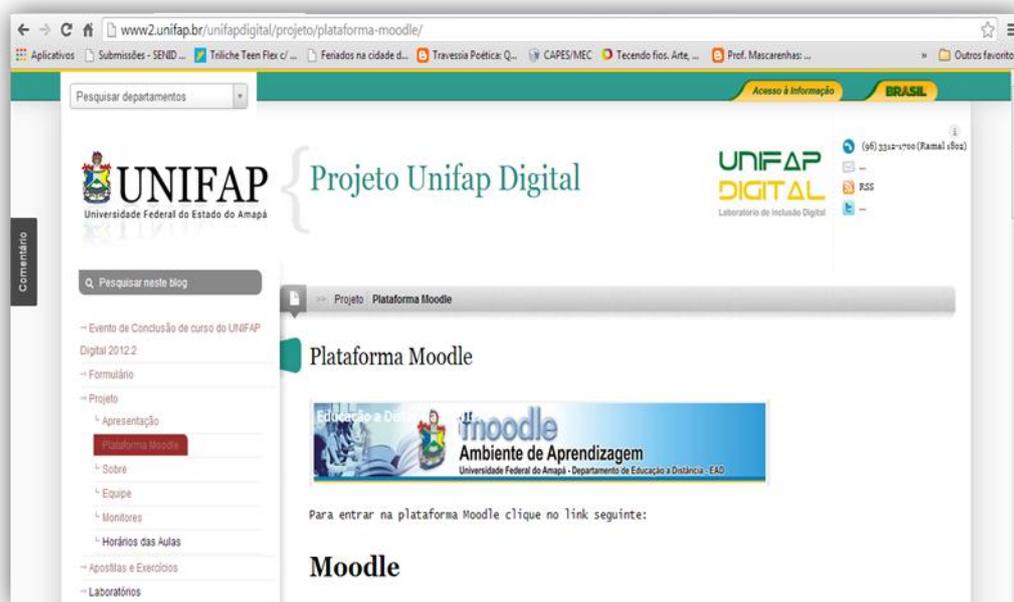
Fonte: foto tirada por Paulo Herculano em 28 de dezembro de 2012.

O curso é formado por uma grade de cinco módulos, compondo os seguintes conteúdos: Introdução ao Processamento de Dados – IPD; Internet, e-mail e Plataforma Moodle; Editores de Texto: Microsoft Office Word 2003 e 2007; Editores de Planilhas Eletrônicas: Microsoft Office Excel 2003 e 2007; Editores de Apresentação: Microsoft Office Power Point 2003 e 2007. Cada módulo é disponibilizado aos alunos em apostilas impressas e digitais.

Todo o material didático utilizado no curso é de produção dos próprios monitores, que além disso, organizam o plano de ensino de acordo com o que é proposto em equipe o que caberia ensinar em sala de aula.

De acordo com a coordenação do curso, para facilitar o acesso ao material didático e as informações do projeto foi criada uma página web contendo esses recursos, promovendo assim a interação com o ambiente informacional do curso. Além disso, incentivou-se o uso de redes sociais e a comunicação através de correios eletrônicos.

Figura 2: Página eletrônica do Projeto



Fonte: Imagem do sitio eletrônico no projeto, disponível em www2.unifap.br/unifapdigital.

A página web do curso está disponível para os alunos visualizarem os eventos, os processos seletivos tanto de alunos como monitores. É possível visualizar também o projeto base do UNIFAPDIGITAL, os laboratórios que o atendem, fotos dos eventos de formatura, softwares educacionais para o acesso dos alunos e atividades realizadas por eles.

Também houve a oportunidade de se trabalhar com a sala virtual, onde os alunos pudessem ter noções de um curso à distância, que segundo Libâneo (2009) é uma modalidade do ensino. A plataforma trabalhada possibilitou maior interação entre professor e aluno, já que era um meio de aplicação de atividades extraclasse e ambiente de discussões sobre as temáticas abordadas no curso.

Figura 3: Plataforma Moodle



Fonte: imagem do ambiente de aprendizagem virtual do projeto, disponível em fazendinha.unifap.br

A plataforma Moodle é também um meio pelo qual os alunos terão a oportunidade de treinar um aprendizado através de sala virtual, possibilitando que ele faça cursos virtuais à distância. Conseqüentemente estarão mais autônomos na construção de seus próprios conhecimentos, terão oportunidade de avançar em seus estudos e estarão mais seguros no ambiente virtual para realizarem quaisquer tarefas.

De acordo com os relatos da coordenação, atualmente o projeto está em seu 3º ano de atividades. Tendo contemplado 600 alunos, com formação em “Informática Básica”, com os conteúdos acima listados ministrados em 100 horas de aula. E neste histórico já houve aluno que gostou tanto do curso que voltou atuando como monitor, ministrando aulas do que havia aprendido.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa consistem em questionários aplicados no início e no final do curso, em que dos 72 (setenta e dois) alunos matriculados, 54 (cinquenta e quatro) fizeram o formulário pré-teste e 38 (trinta e oito) responderam o formulário pós-teste. Este procedimento buscou avaliar o perfil dos participantes, bem como investigar os saberes iniciais e finais no que diz respeito ao conhecimento de informática.

Assim durante o estudo e observação da turma, acompanhamos todo o processo de qualificação dos alunos e as etapas do curso, bem como as aplicações do método usado para a pesquisa, o Questionário. Como sabemos o questionário é um meio pelo qual podemos obter dados a respeito das opiniões, interesses, expectativas, situações vivenciadas, uso, costumes, etc. O questionário, segundo Gil (1999), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas”, tendo por objetivo o conhecimento de todas e quaisquer informações reais.

O processo seletivo para este semestre iniciou na primeira quinzena de janeiro daquele ano, onde 72 (setenta e dois) alunos foram selecionados para integrarem esta etapa. Esta etapa foi composta por uma turma por turno, num total de 3 (três) turmas, contendo 24 (vinte e quatro) alunos em cada.

Para conhecer o perfil socioeconômico dos alunos, o projeto UNIFAPDIGITAL já utiliza desde sua criação um questionário para o processo de seleção dos alunos.

Para a turma de 2013.1, público alvo desta pesquisa, fizemos alguns ajustes ao questionário utilizado anteriormente pelo projeto, preparamos e aplicamos um Questionário perfil com o intuito de conhecer as características sociais dos alunos.

Para analisar o processo de ensino e aprendizagem do UNIFAPDIGITAL, utilizamos a coleta de dados a partir de um questionário aplicado aos alunos antes do início das aulas (Pré Teste) com o intuito de

investigar os conhecimentos prévios de informática dos ingressantes ao projeto, fazendo perguntas sobre as suas expectativas, suas dificuldades e algumas questões sobre o que eles veriam no conteúdo programático do curso.

Após a conclusão dos módulos aplicamos um questionário (Pós Teste) aos 55 alunos concluintes, como forma de avaliar o conhecimento de informática ao final do curso. Porém 38 (trinta e oito) alunos responderam ao questionário final para análise do desenvolvimento de letramento digital que os mesmos obtiveram.

Cabe ressaltar que a turma que escolhemos para observar e investigar encerraram suas atividades no 1º semestre de 2013, porém os dados que auxiliaram nossos estudos foram coletados antecipadamente conforme e mediante os questionários já mencionados acima.

5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS

A análise dos dados da pesquisa sobre os alunos do curso de Informática Básica UNIFAPDIGITAL, curso de extensão da UNIFAP, se baseou nos três questionários que foram feitos em três momentos diferentes com os alunos. Estes foram quando responderam o Questionário Perfil, o Questionário Pré-Teste e o Questionário Pós-Teste.

Este método segue a concepção de Lemos (2007, pag. 9), em que defende que “a ação de incluir deve ser vista como uma ação complexa que visa a ampliação dos capitais técnico, cultural, social e intelectual”, onde segundo o autor, para a análise de um projeto de inclusão digital é necessário ser visto sob os indicadores econômico (ter condições financeiras de acesso às novas tecnologias), cognitivo (estar dotado de uma visão crítica e de capacidade independente de uso e apropriação dos novos meios digitais), e técnico (possuir conhecimentos operacionais de programas e de acesso à Internet).

Primeiramente analisaremos o Questionário Perfil, a fim de conhecer aspectos socioeconômicos dos alunos. Em seguida, o questionário de ingresso ao curso, o Pré-Teste, do qual tem fins de trazer à tona os conhecimentos prévios em informática para que possamos ter uma visão de como os alunos iniciaram o curso. E por fim, faremos análise do terceiro questionário, o Pós-Teste, cujo objetivo é fazer um paralelo entre o Pré-Teste e assim chegar a uma resposta à situação problema deste trabalho, que visa compreender se ocorreu o letramento digital aos alunos que participaram da pesquisa.

5.2.1 QUESTIONÁRIO PERFIL

Como já mencionado anteriormente a metodologia utilizada neste estudo busca verificar como ocorre o processo de letramento digital dos alunos que participam do curso de introdução à informática oferecido pela Universidade Federal do Amapá.

Para isso, buscamos através de questionários preparados especificamente para esta etapa do curso, conhecer o perfil socioeconômico dos participantes, seus conhecimentos prévios sobre informática, expectativas com o curso, dificuldades no processo de aprendizagem, questões relacionadas ao conteúdo programático do curso e a avaliação dos saberes no final do processo.

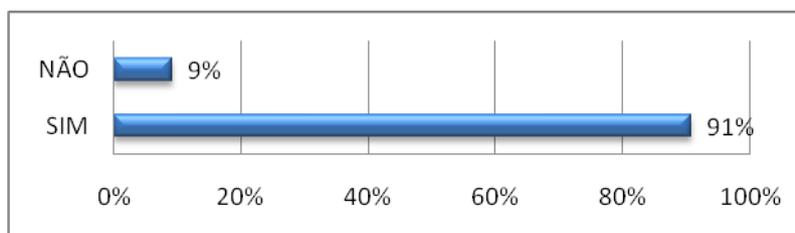
O Questionário perfil foi aplicado no momento de inscrição dos candidatos e teve como objetivo conhecer os aspectos sociais e econômicos dos participantes do projeto.

As informações solicitadas aos alunos eram basicamente: o nome; se são acadêmicos ou não; data de nascimento; sexo; Estado e cidade de nascimento; quantos anos residem no Estado Amapá; qual sua escolaridade; número de CPF e RG e datas de emissão, bem como órgão expedidor; nome dos pais; endereço; se possui computador; se possui internet; se já fez algum curso de informática e; declarar em uma redação o motivo pelo qual deseja cursar nas aulas do projeto.

A partir da análise do perfil de cada candidato que preencheu o Questionário Perfil, pudemos traçar um perfil dos alunos que se cursaram a turma 2013.1 no projeto.

Os resultados mostram que se trata de pessoas de baixa renda que nunca tiveram a oportunidade de fazer um curso de informática, excluídas digitalmente e que se vêm na necessidade de aprender a informática para as necessidades pessoais e profissionais demonstrados no Gráfico 1. Filho (2003) explica que a exclusão socioeconômica desencadeia a exclusão digital ao mesmo tempo em que a exclusão digital aprofunda a exclusão socioeconômica. Isso mostra que as pessoas menos favorecidas economicamente têm menos ou nenhum acesso aos meios digitais.

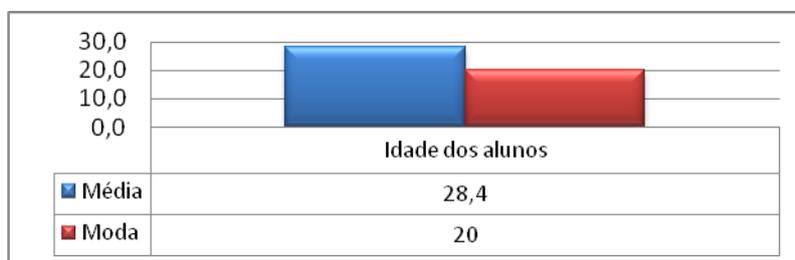
Gráfico 1: Declaração de Hipossuficiência



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

A faixa etária dos participantes do curso é entre 18 (dezoito) a 67 (sessenta e sete) anos, com média geral de 28 (vinte e oito) anos, no caso desta turma do primeiro semestre de 2013.

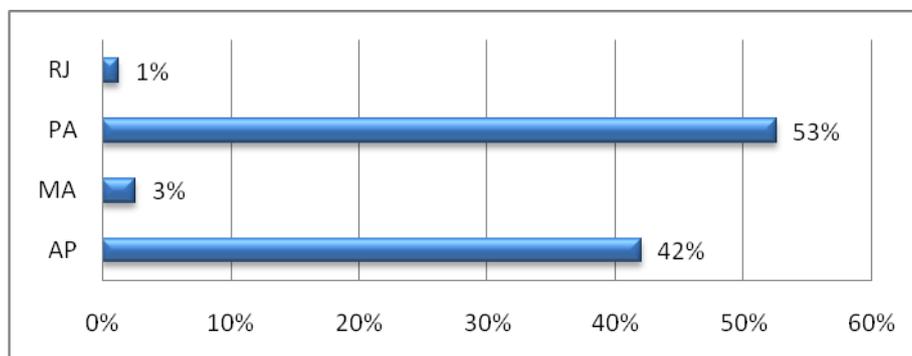
Gráfico 2: Faixa etária



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Ao verificar a naturalidade dos participantes, notamos que a maioria é proveniente do Estado do Pará, em que muitos já moram no Amapá por mais de 10 anos, como mostra o gráfico 3.

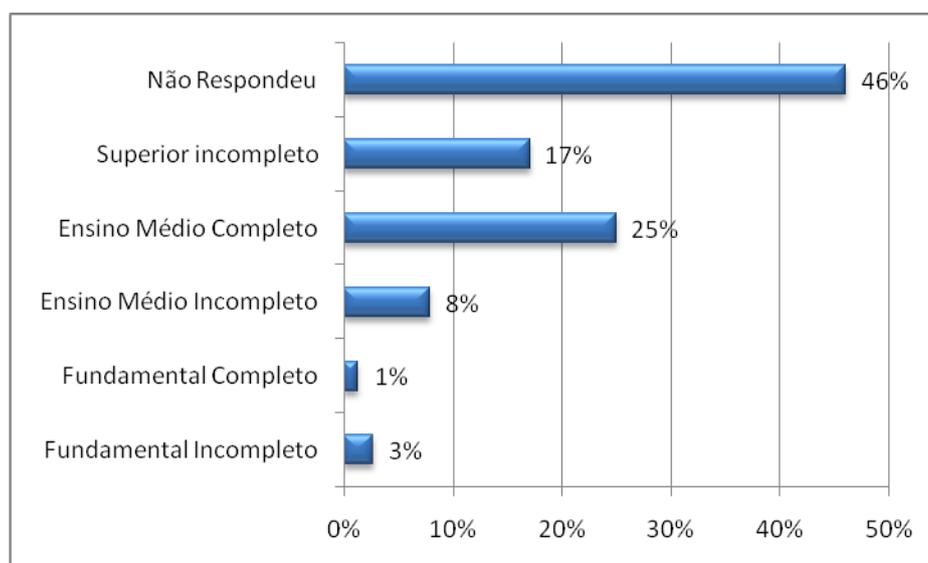
Gráfico 3: Naturalidade



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Em relação à escolaridade dos alunos são variados os casos, pois há pessoas que começaram seus estudos e pararam muito cedo e agora querem voltar estudar, alguns só sabem ler e outros ainda estão estudando, temos casos de alunos que de nível superior e de professores aposentados, contudo o que predomina são pessoas que chegaram até o Ensino Médio.

Gráfico 4: Escolaridade



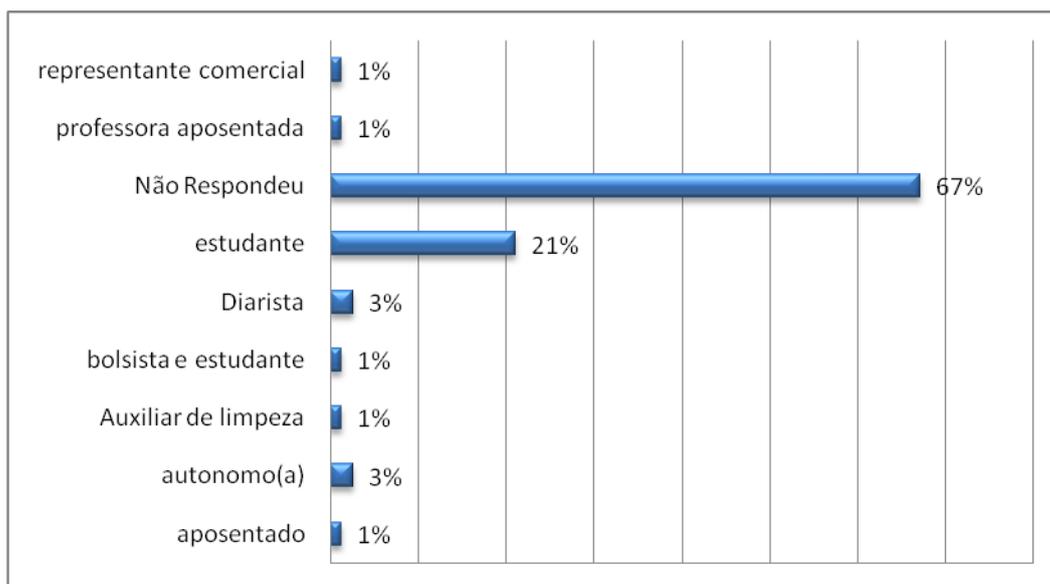
Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

É necessário observar que nesta questão 46% dos candidatos não responderam a questão, isto se deve ao fato de que boa parte dos formulários socioeconômicos não foram respondidos por todos os 72 candidatos, fazendo-nos desconsiderá-los em algumas questões. Logo, o número de questões não respondidas equivale ao número de questionários inexistentes.

Muitos foram os motivos expostos pelos candidatos que argumentaram ser necessário adquirir mais conhecimento na área de informática para poder estar também na concorrência por um trabalho melhor. Enfim, falaram da importância da aprendizagem em fazer suas tarefas escolares, suas necessidades do dia-a-dia sobre as tecnologias digitais, na utilização dos benefícios da internet contatar amigos e parentes nas redes sociais que estão longe.

Em relação ao público predominante nesta etapa do projeto, a maior parte é de estudantes de escolas públicas da cidade de Macapá e acadêmicos da UNIFAP, entre outros, profissionais autônomos, professores da rede pública, aposentados e pessoas que terminaram o Ensino Médio, porém eram desempregados.

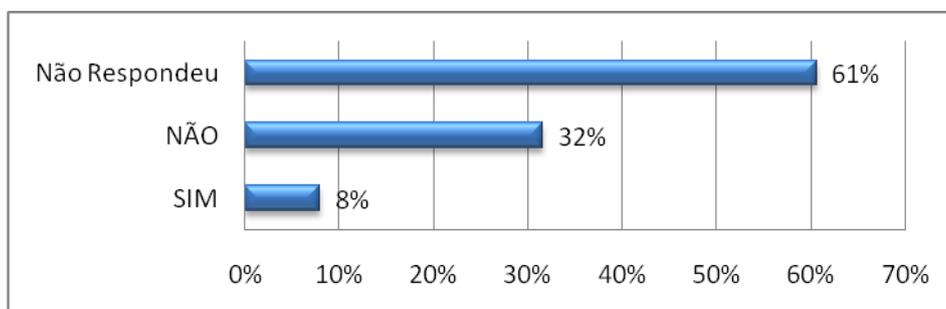
Gráfico 5: Profissão



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

No formulário socioeconômico também perguntamos se os alunos tinham computador, se acessavam a internet e se já fizeram um curso de informática. Os gráficos seguintes mostram os resultados:

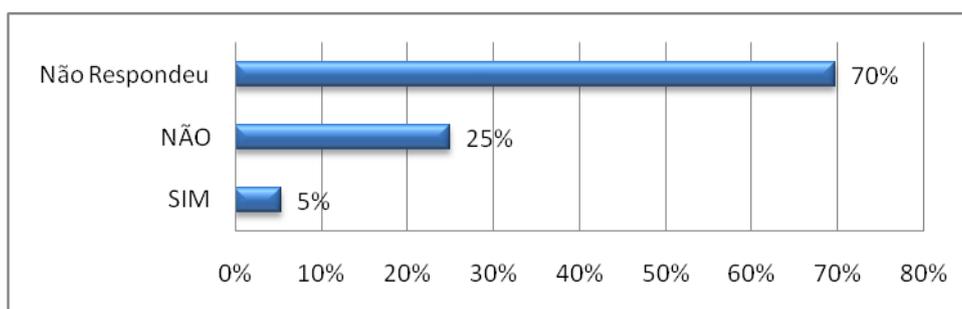
Gráfico 6: Possui Computador?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

De acordo com as informações prestadas 32% dos alunos não possuem computador e apenas 8% informaram que possuem.

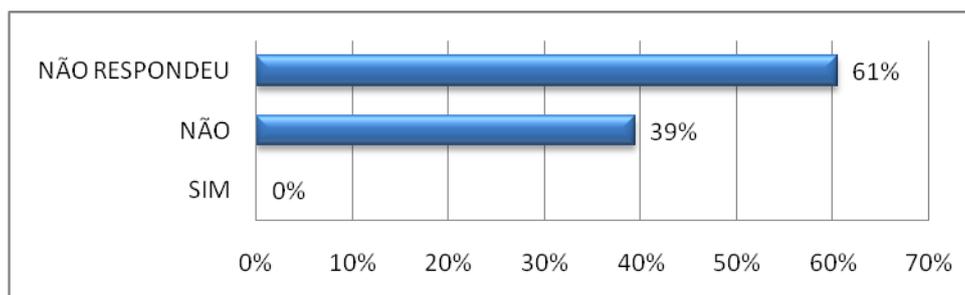
Gráfico 7: Tem acesso à internet?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Sobre a acessibilidade em internet, 25% afirmaram não ter acesso à internet, conseqüentemente 5% responderam que sim.

Gráfico 8: Possui curso na area de Informática?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

E 39% nunca fizeram um curso de informática, quesito essencial para ingressarem no curso.

Apesar dos alunos declararem que possuem computador com ou sem internet, todos declararam nunca ter feito um curso de informática, como mostram os gráficos acima, dados estes justificados por não terem condições financeiras de arcar com o custo de um curso pago.

O projeto procura acolher todos àqueles que têm dificuldades para fazer um curso de informática para o crescimento profissional, além disso, atende também pessoas com deficiências físicas. Nesta etapa, o projeto recebeu uma aluna com transtorno bipolar.

De maneira geral o Questionário Perfil buscou uma percepção socioeconômica dos alunos que participam do curso UNIFAPDIGITAL, dos quais é importante que o aluno seja, preferencialmente, de baixa renda, seja alguém que não tem muita familiaridade com as tecnologias digitais e nunca tenha feito um curso de informática e, sejam da comunidade externa ou da comunidade acadêmica da UNIFAP. Por meio deste Questionário Perfil, pudemos ter uma visão priori dos alunos investigados na pesquisa.

5.2.2 QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE

O Questionário Pré-Teste foi aplicado no primeiro dia de aula desta sexta etapa do projeto e teve como objetivo investigar os conhecimentos prévios de informática dos ingressantes.

Por meio deste, foi possível obter dados a respeito das opiniões, interesses, expectativas, situações vivenciadas, uso e costumes dos alunos. Além disso, foram feitas perguntas sobre as suas expectativas, suas dificuldades e algumas questões sobre o conteúdo programático do curso.

O Questionário Pré-Teste contemplou 12 questões, das quais buscamos informações sobre como os alunos conseguiram informações do curso, sobre seus conhecimentos em informática e suas pretensões durante e após finalizar o curso.

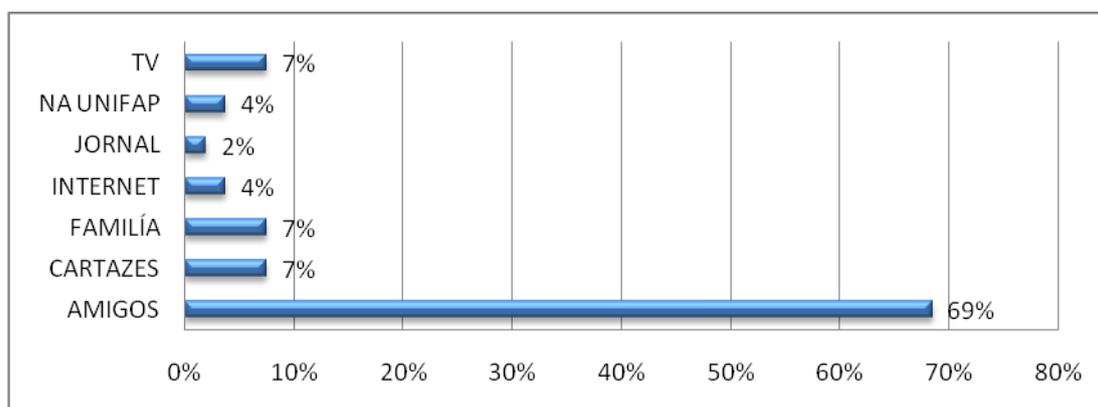
Questões que buscavam verificar o quanto os alunos poderiam aprender durante o curso e mesmo para identificar qual o grau de crescimento a partir das aulas do curso.

Ressaltamos que diferentemente do primeiro questionário de ingresso ao curso que era obrigatório, este era facultado aos alunos. Contudo, todos aqueles que compareceram no primeiro dia de aula fizeram o questionário, o total de 54 (cinquenta e quatro) alunos.

A primeira questão investigava a respeito de como os alunos souberam do curso UNIFAPDIGITAL, 69% das respostas apontaram que foi por meio de amigos, dos quais influenciaram e os incentivaram a participar.

Geralmente esses amigos são pessoas que já fizeram o curso ou já conheciam a trajetória do projeto. Logo, tal evidência mostra que a influência maior ainda continua sendo o retorno dos alunos que finalizaram o curso em períodos anteriores, que o próprio recurso das mídias na divulgação do curso – TV, Internet, Jornal, Radio, Cartazes, entre os familiares e na coordenação do curso mesmo.

Gráfico 9: Pré-teste – 1ª questão: Como soube do curso?

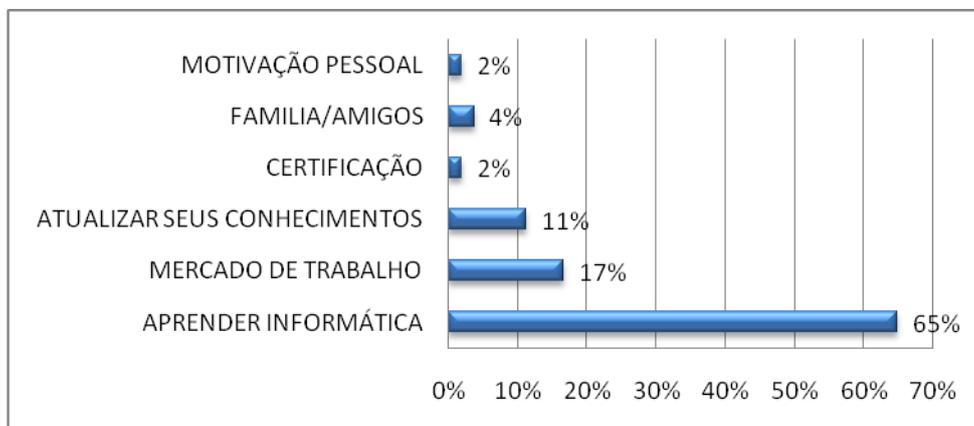


Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Quando perguntamos o que os motivou a fazer o curso, 65% dos alunos respondeu que aprender informática primeiramente para suas necessidades diárias, e 17% respondeu que visam se inserir no mercado de

trabalho, pois muitos eram desempregados. Outros 11% gostariam de atualizar seus conhecimentos na área de informática como mostra o Gráfico 10.

Gráfico 10: Pré-teste 2ª questão: O que o(a) motivou a fazer o curso?

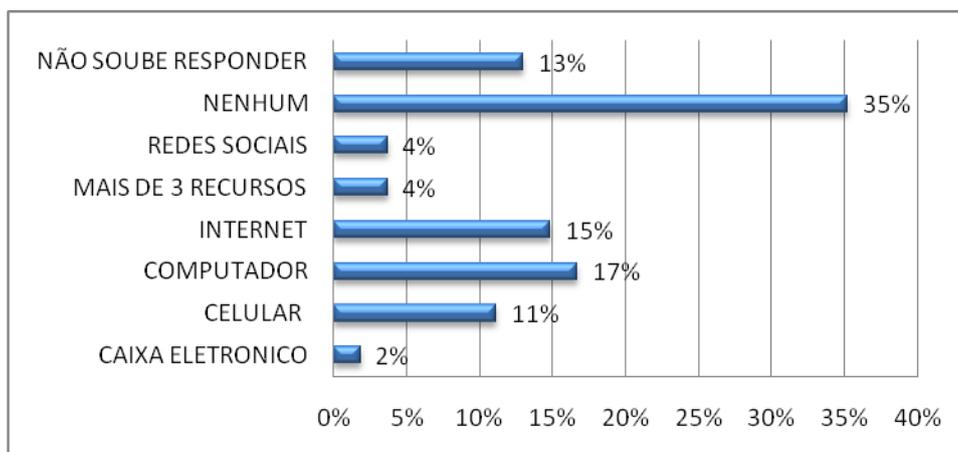


Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Portanto, como já havíamos mencionado, grande parte do público participante deste semestre em estudo é na maioria de jovens desempregados que saíram do Ensino Médio sem ter muitos conhecimentos em Informática.

É certo que mesmo vivendo no meio de tantas tecnologias digitais dificilmente não terão contato com as mesmas, logo foi pertinente perguntar quais os recursos de informática que eles conheciam ou tinham familiaridade:

Gráfico 11: Pré-Teste 3ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?



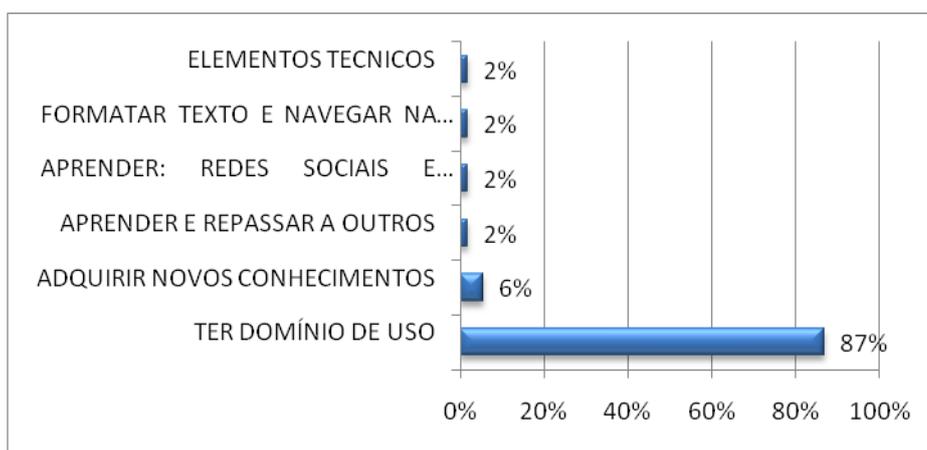
Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Ao analisar as respostas, 35% acusaram não conhecer nenhum tipo, talvez pelo fato de muitos não terem entendido o que seriam *recursos de informática* o que explica os 13% que não souberam responder. Estes dados evidenciam o que Araújo (2007) aborda ao dizer que em nossa sociedade há uma cratera entre os que sabem e os que não sabem utilizar as práticas digitais, ou seja, os recursos fundamentais para resolvermos situações cotidianas propiciadas pelos canais da informática.

É evidente que estes recursos estejam presentes em muitos serviços públicos, tarefas domésticas, em vários meios de comunicação, etc. Porém as pessoas ainda estão habituadas a identificar “recurso de informática”. Mesmo assim alguns reconheceram como tal o computador 17%, o celular 11%, a internet 15%, redes sociais 4%, os caixas eletrônicos 2%, outros 4% citaram mais de três recursos.

Em relação às perspectivas durante o curso 87% disseram que gostariam de ter domínio de uso dos recursos de informática que encontram no dia-a-dia.

Gráfico 12: Pré-teste4ª questão: O que espera aprender no curso?



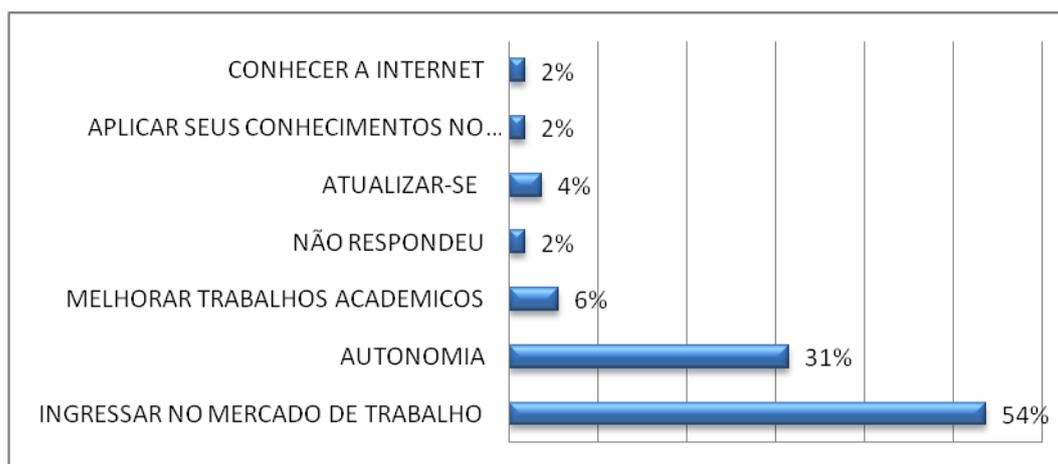
Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Esta questão diz muito do objetivo do curso, que é fazer com que seus alunos tenham a máxima absorção do conteúdo e que indaguem seus professores para construir este conhecimento, a fim de terem capacidades e

autonomia frente às tecnologias digitais. Gomes (2003) adota esta ideia de promover a “alfabetização digital”, ou seja, que capacite as pessoas a utilizar as diversas mídias de acordo com suas necessidades, considerando o capital intelectual imprescindível para que o cidadão se coloque no mercado de trabalho.

Sobre a importância do curso para a vida profissional dos alunos 54%, como mostra o gráfico abaixo, responderam que o maior objetivo era conseguir um emprego e 31% gostariam de ter mais autonomia na utilização dos recursos de informática. Assim, percebe-se que o interesse maior na participação do curso é ter formação profissional que seja equivalente àquela formação que o mercado de trabalho demanda.

Gráfico 13: Pré-teste 5ª questão: importância de um curso de informática...



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

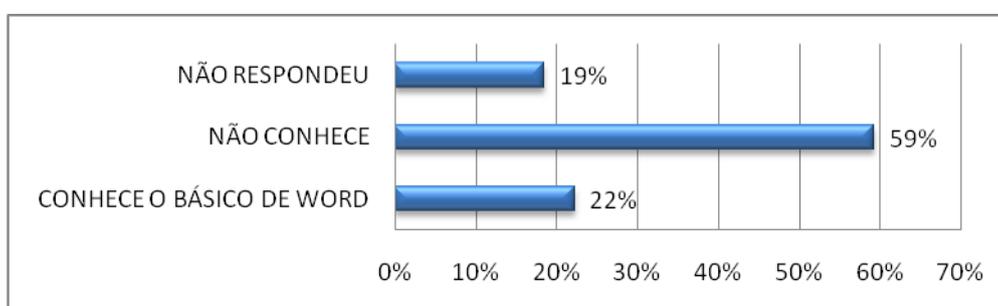
Pelo fato de um bom número de alunos não possuírem computador, não terem acesso às ferramentas computacionais, não terem realizado algum curso de informática e assim consequentemente mostrarem ter um saber limitado em informática, depositam suas expectativas no projeto a fim de superar as dificuldades e por fim serem letrados por meio das práticas digitais.

Assim partimos para questões a respeito do conteúdo programático do curso, os assuntos que foram abordados no período das aulas para verificar se tinham ciência de algum deles e mesmo saber a compreensão dos termos.

Conforme já dito antes, o conteúdo programático o curso é dividido em cinco módulos, dos quais o primeiro é uma apresentação dos recursos de informática denominado: *Introdução ao Processamento de Dados – IPD*; em seguida o segundo modulo contempla assuntos voltados para o conhecimento dos recursos da Internet, *Internet e e-mail*; o terceiro modulo sobre editores de texto, no caso do curso o editor de texto mais exigido, *MS Office Word 2007*; após este tem o quarto modulo que traz como assunto o editor de planilhas eletrônicas *MS Office Excel 2007* e; por fim o editor de apresentações *MS Office Power Point*.

Primeiramente perguntamos o que eram os Editores de Texto e apresentamos alguns deles – MS Office Word 2007, bloco de notas, Open Office. Como se previa os alunos não souberam responder do que se tratava um editor de texto, sendo 59% das respostas negativas. Outros 22% afirmaram conhecer o básico do programa e 19% não contribuíram com respostas.

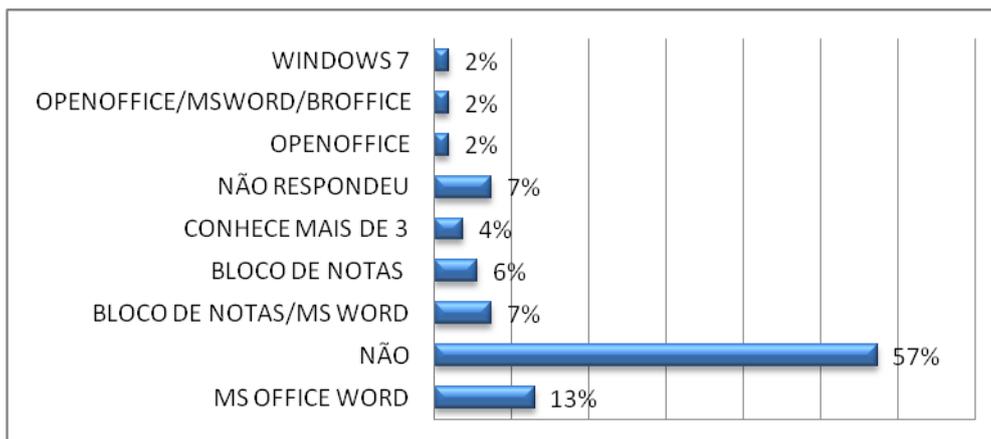
Gráfico 14: Pré-teste 6ª questão: O que você conhece sobre editores de texto?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Quanto aos tipos de editores de texto que conheciam, mais da metade declararam nunca ter utilizado, mas uma minoria marcou alguns exemplos que se apresentavam na questão por já conhecerem tais editores de texto em relação ao nome do programa.

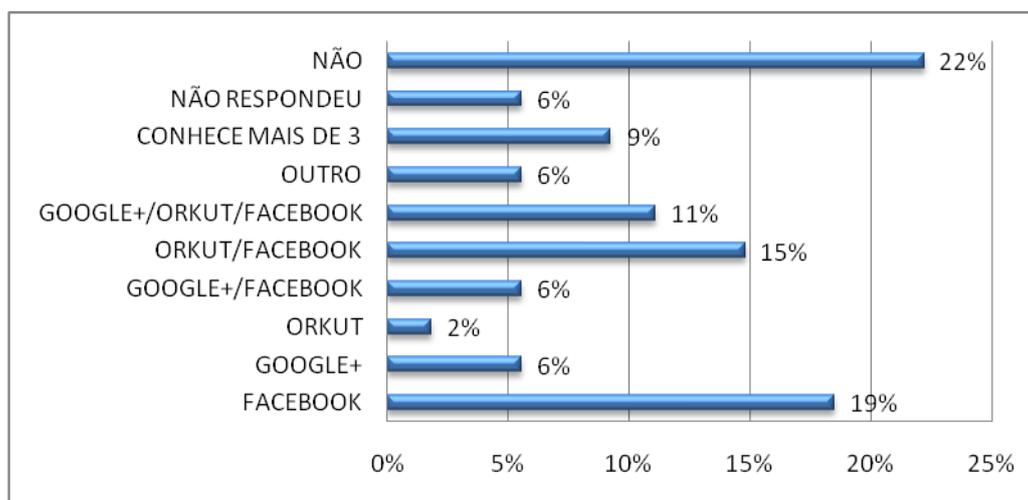
Gráfico 15: Pré-teste 7ª questão: Já usou um editor de texto?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Em seguida questionamos sobre as redes sociais que conheciam, as respostas foram bem divididas, pois apesar de 22% das pessoas explicaram que não conheciam as redes de interações sociais, muitos têm acesso a elas visto que agora o computador não é o único recurso para utilizá-las.

Gráfico 16: Pré-teste 8ª questão: Já acessou alguma rede social? Quais?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Bonilla e Pretto (2001) reconhecem o surgimento de novos formatos culturais que também devem ser pensados como meios de inclusão. Esses se caracterizam pela possibilidade de não apenas consumir informações em deslocamentos (nos transportes públicos, rádios, jornais e outros meios), mas também produzir e distribuir informações. Estes se referem aos dispositivos móveis com sistemas acessíveis.

As operadoras de celular são as principais responsáveis por essa integração, basta ter um celular que acesse a internet e disponha de um bom sinal para que possa se comunicar através das mesmas.

A rede social mais popular, facebook, destaca-se com 15% das respostas, seguindo daqueles que conhecem também o Google+, o Orkut, o Twitter e outras.

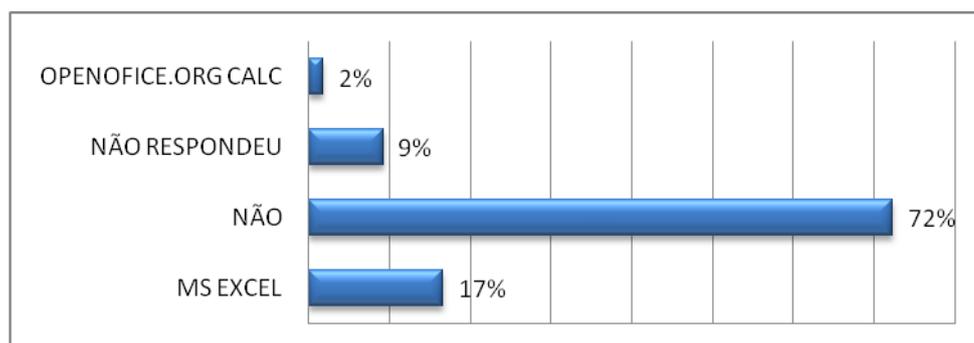
Isso nos aponta o fato de que como a internet está inserida no cotidiano das pessoas, seja através do computador ou do celular, mesmo não conhecendo bem informática, estão aderindo ao uso dessas novas tecnologias para estarem conectadas a informação e a comunicação.

Depois perguntamos sobre editores de planilhas, se já haviam utilizado algum dos mais utilizados como MS Office Excel, OPEN OFFICE.ORG CALC ou não.

Em geral os alunos nunca utilizaram um editor de planilha, um dos programas mais exigidos para os cargos de administrador de caixas em lojas e mercados. Esses programas são necessários também para ajudar nas ilustrações de trabalhos de pesquisa acadêmica e essenciais nos cursos de ciências exatas.

No Gráfico 17 mostra que 72% dos alunos nunca usaram um editor de planilha como recurso nas diversas atividades que necessitem deste auxílio. Enquanto que outros dados apontam que já utilizaram o MS Excel e OpenOffice. Org Calc.

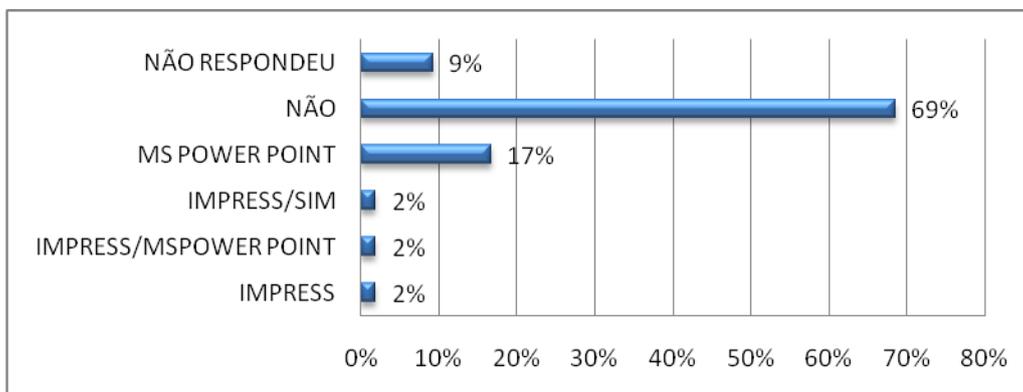
Gráfico 17: Pré-teste 9ª questão: Já usou algum editor de planilha?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

A mesma pergunta foi feita a respeito dos editores de apresentação e os resultados se aproximaram, 69% nunca utilizaram um editor de apresentação, 17% disseram que conhecem o MS Office Power Point e 9% não respondeu a questão por desconhecimento dos termos. No gráfico abaixo é possível ver estes dados:

Gráfico 18: Pré-teste 10ª questão: Já usou um editor de apresentação?

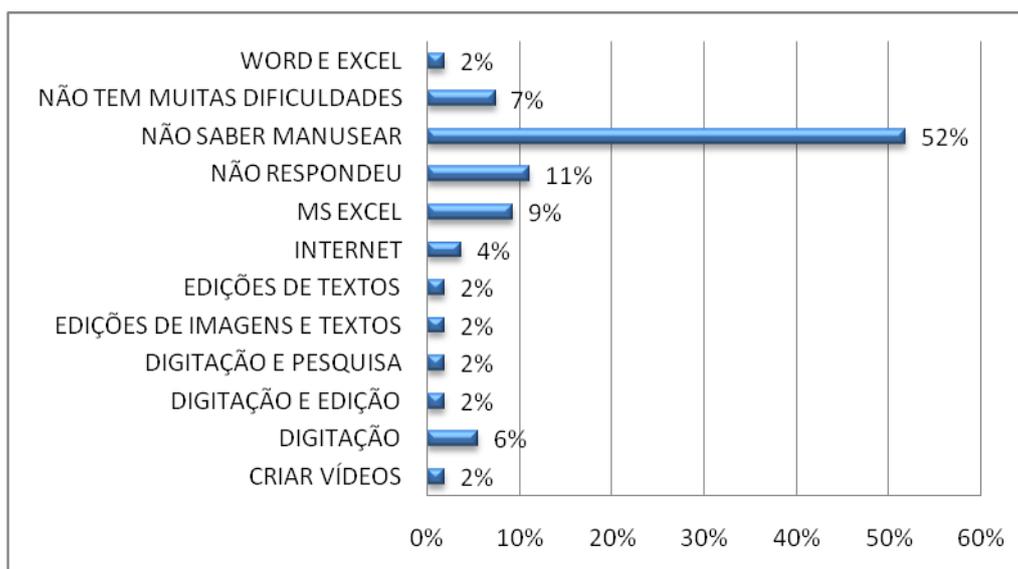


Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Desse modo, buscamos também saber quais são as principais dificuldades dos alunos se tratando de tecnologias digitais, quais são as perspectivas de superação dessas dificuldades.

As principais citadas pelos alunos foram: criar vídeos, digitar e editar texto, pesquisar na internet, editar imagens, acessar internet, editar planilhas no programa MS Office Excel e não ter habilidades com o computador.

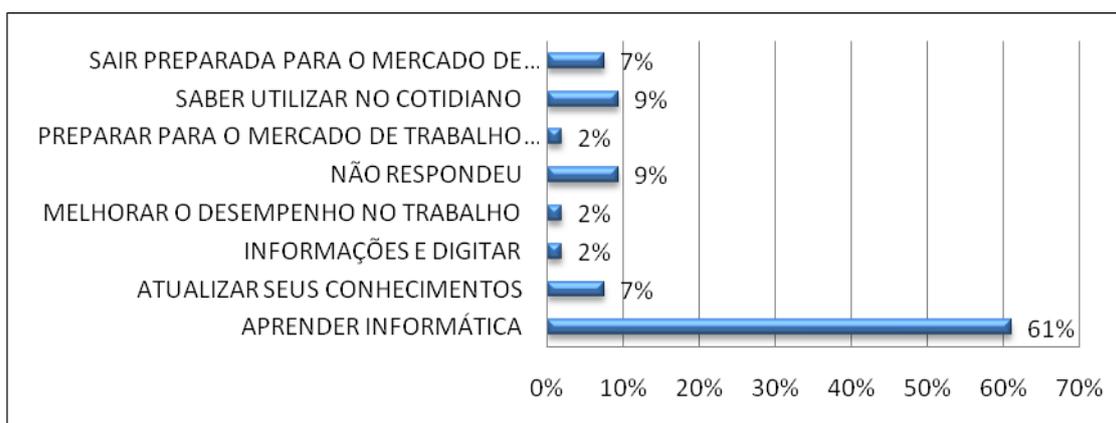
Gráfico 19: Pré-teste 11ª questão: Dificuldade ao lidar com o computador



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Sobre suas expectativas após cursar as aulas de informática básica 61% os alunos responderam que gostariam de aprender informática para poder utilizar no cotidiano e nas demais situações que exijam conhecimentos em informática. Os objetivos dos alunos são bem parecidos, pretendem ter um conhecimento a mais para formação profissional, para desenvolver novas habilidades que lhes auxiliarão em suas necessidades.

Gráfico 20: Pré-teste 12ª questão: Expectativa em Relação ao Curso.



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Visando conhecer as necessidades, dificuldades e expectativas dos alunos em relação à aprendizagem no curso e as propostas de

ensino/aprendizagem do curso, percebemos que o conteúdo programático abrange todas as necessidades declaradas pelos alunos, usando de seus artifícios pedagógicos para bem atender seus alunos.

O trabalho desenvolvido no projeto e a busca pelo objetivo de alfabetizar as pessoas em informática fazem com que os participantes tenham a expectativa de obter no decorrer do curso, capacidades e habilidades para usar e manusear de forma eficaz o computador e suas ferramentas. Nesta perspectiva que Lima e Silva (2004) retratam a inclusão digital como importantes na formação do cidadão, para que o mesmo adquira não somente habilidades básicas no uso do computador, mas também utilize as mídias em favor de seus interesses, com responsabilidade e senso de cidadania.

Além disso, o interesse maior sobrevém da necessidade de estar bem preparado para o mercado de trabalho, onde o uso e o conhecimento informacional são essenciais. Vale ressaltar ainda que além da contribuição profissional soma-se a realização de expectativas pessoais de cada aluno.

Lemos (2007), quando busca uma definição para o modelo de inclusão digital, diz que incluir não deve ser apenas uma simples ação de formação técnica dos aplicativos, mas um trabalho de desenvolvimento das habilidades cognitivas, transformando informação em conhecimento, transformando utilização em apropriação. E a partir dessa mudança de concepção de inclusão a reflexão crítica da sociedade deverá gerar práticas criativas de recusa de todas as formas de exclusão social. Ressalta ainda que a apropriação dos meios deve ocorrer de forma ativa valorizando mais as categorias econômica e cognitiva que a categoria técnica nos processos de inclusão digital.

Visto que neste questionário buscou-se averiguar conhecimentos prévios dos participantes, foram efetuadas perguntas sobre o conteúdo que fez parte do programa estudado.

A partir do Questionário Pré-Teste, foi possível estabelecer uma visão mais ampla a respeito dos conhecimentos dos alunos em relação à informática

e o uso das ferramentas computacionais no dia a dia. Pudemos averiguar que mais da metade dos alunos não conhecem os editores de texto e muito menos já utilizaram nos contextos diários. Os saberes e a participação nas redes sociais são mínimos. Um número considerável não tem conhecimento sobre editor de planilhas e de apresentação, o que torna assim para eles seu uso nulo e limitado. Além disso, as expectativas dos alunos quanto ao curso, baseia-se em adquirir uma formação que os auxiliem na vida pessoal e profissional, de forma que sejam eficazes no uso do computador e de suas ferramentas. Por meio dos saberes que pretendem adquirir no decorrer do curso, anseiam superar dificuldades e por fim alcançarem o letramento por meio das práticas digitais.

5.2.3 QUESTIONÁRIO PÓS-TESTE

O questionário III foi aplicado no final do quinto e último módulo do curso com o objetivo de avaliar os conhecimentos finais dos alunos.

Por meio deste questionário fizemos um paralelo entre os saberes iniciais e finais dos indivíduos a fim de concretizar se ocorreu ou não o letramento digital.

Nesta etapa pós-teste da pesquisa é importante ressaltar que dos 72 alunos, 54 iniciaram o curso e todos esses responderam ao pré-teste, porém ao final apenas 38 alunos responderam ao pós-teste feito no último dia aula. Isso se deve ao fato de que, apesar de as turmas iniciarem no mesmo período, houve um avanço de algumas aulas devido a feriados e alterações de calendário.

Portanto, no Questionário Pós Teste muitos alunos já tinham terminado as aulas e foi necessário convocá-los novamente para realizarem o mesmo, assim o número de alunos foi inferior ao numero de concluintes.

Nesse questionário, assim como no Pré-Teste, abordou-se temas acerca das expectativas dos alunos quanto ao curso, das dificuldades apresentadas e

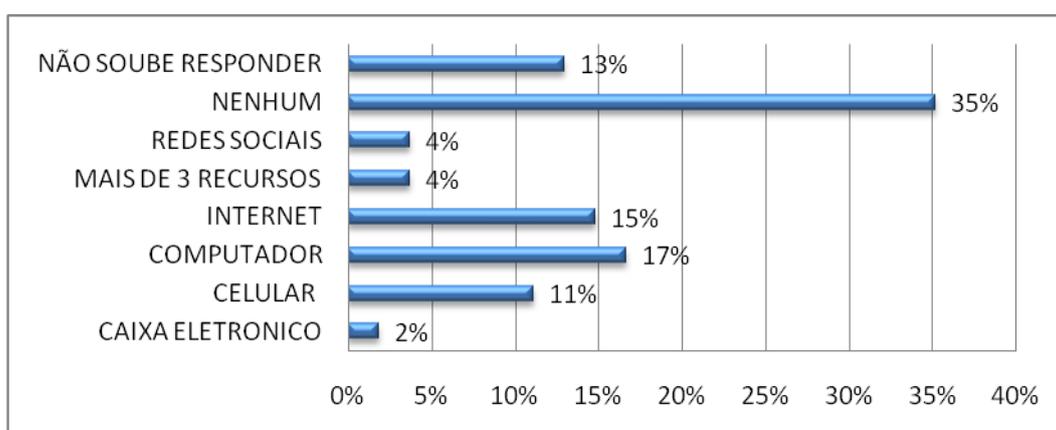
superadas e de questões que trataram da construção de conhecimentos sobre o conteúdo programático.

Compunha o número de 11 (onze) questões, seguindo a mesma lógica do pré-teste e obedecendo à ordem das questões, para que os alunos pudessem mostrar suas habilidades construídas durante o curso. As questões do Questionário Pós-Teste foram assim, semelhantes às questões do Questionário Pré-Teste.

De acordo com as respostas dos alunos concluintes foi possível averiguar a evolução de conhecimentos dos alunos no que se refere aos recursos de informática, visto no início do curso quase metade dos alunos não conhecia e não souberam responder o que seria recursos de informática.

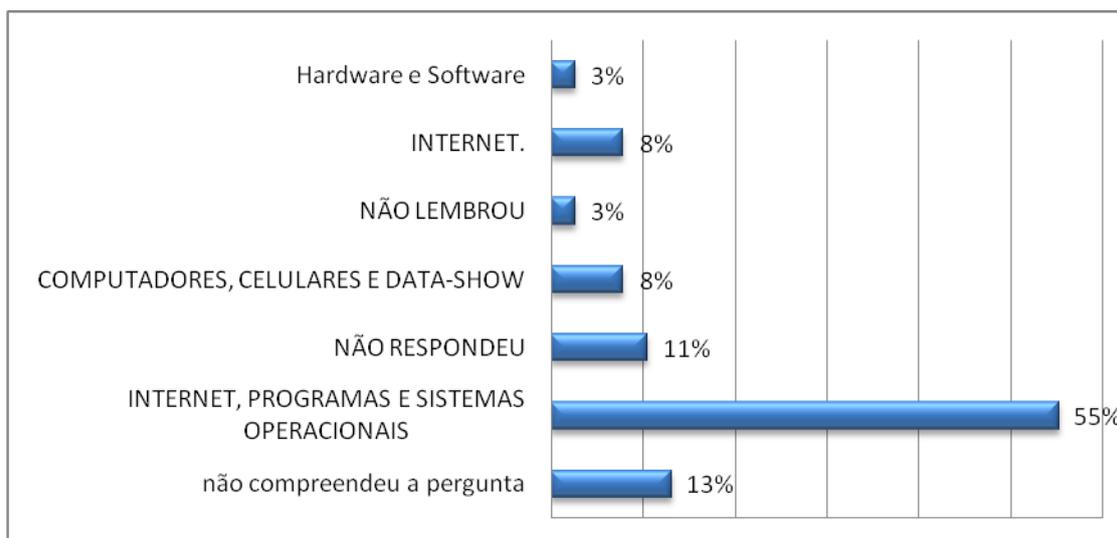
Estes mesmos disseram, no final do curso, que estes recursos são: internet, programas e sistemas operacionais. Outros também conseguiram inferir que recursos informacionais englobam computadores, celulares, Data show, etc. Neste contexto, expuseram que os conteúdos abordados no decorrer do curso, superaram as expectativas, e que absorveram os saberes essenciais, ou seja, o que pretendiam aprender indo além do esperado.

Gráfico 21: Pré-teste 3ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Gráfico 22: Pós-teste 1ª questão: Quais os recursos de informática que você conhece?



Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

O objetivo maior do projeto é incluir e alfabetizar as pessoas em informática, *letrando* por meio das práticas digitais, foi constatado este resultado quando 50% dos alunos disseram que o curso será de grande importância para suas pretensões futuras.

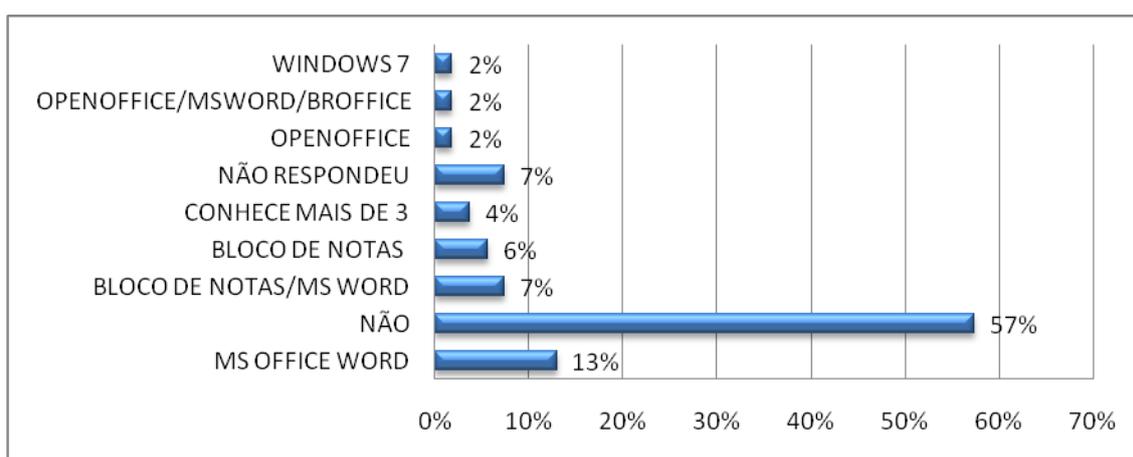
E estes objetivos futuros englobam, na maior parte, estar bem preparado para o mercado de trabalho. Vale ressaltar que os conhecimentos informacionais são essenciais em qualquer área de conhecimento e isso exige cada vez mais qualificações para o uso das tecnologias da informação. Esta ideia é sustentada por Carvalho e Neto (2008) ao explicarem que atualmente há uma grande demanda e necessidade de informação e em qualquer trabalho se utiliza computadores e softwares. Sendo assim, para o cidadão ingressar no mercado de trabalho, há necessidade de conhecimentos em informática e uso de Internet.

Dentro das pretensões futuras dos participantes foi abordado tanto no Questionário Pré-Teste quanto no Questionário Pós Teste, o anseio pela oportunidade de ser incluso digitalmente, o que abrange na sociedade atual muito mais do que a profissionalização e a modernização, interfere na

cidadania de cada um, onde se quebra uma forte barreira chamada de exclusão digital.

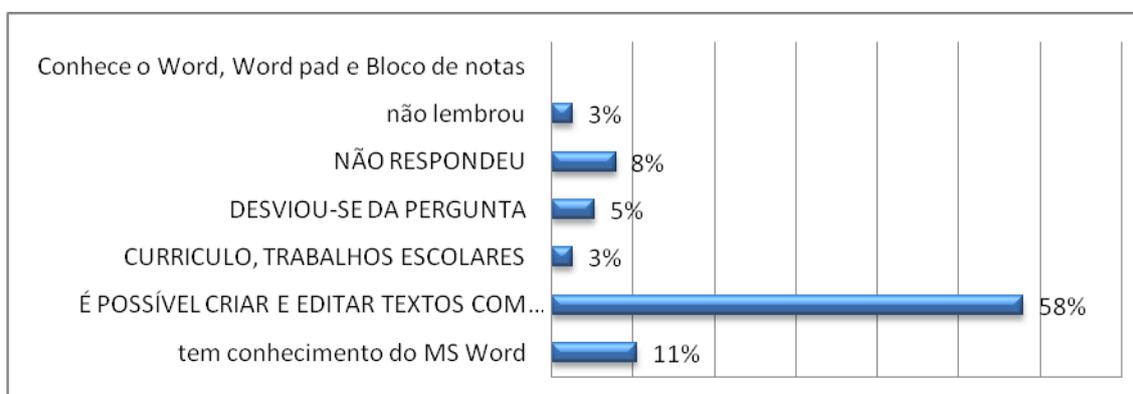
Ao averiguar os conhecimentos dos alunos sobre os conteúdos abordados, questionou-se sobre os editores de textos e os possíveis trabalhos que podem ser realizados neste programa. A resposta foi favorável, visto que boa parte mostrou saberes que não haviam sido constatados no Questionário Pré-Teste. No Questionário Pré-Teste, por exemplo, mais da metade dos participantes nunca haviam utilizado um editor de textos, muitos nem sequer conheciam qualquer programa de edição e outros preferiram nem responder, como mostra o gráfico que segue:

Gráfico 23: Pré-teste 7ª questão: Já usou um editor de texto?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Gráfico 24: Pós-teste 4ª questão: O que você conhece agora sobre editores de texto?

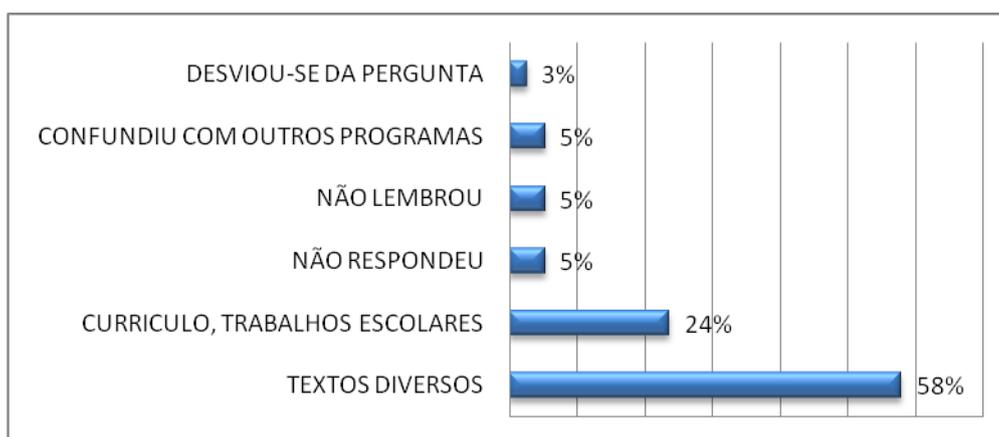


Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Como é possível observar no Gráfico Pós Teste, além de conhecerem e citarem exemplos de editores de texto, os alunos mencionaram o que pode ser desenvolvido dentro do mesmo, como: criar e editar textos com diversas formatações.

Essa evolução foi constatada também nas atividades realizadas em sala de aula, onde vários gêneros textuais foram produzidos a fim de aprimorar as técnicas de digitação, edição e formatação de diferentes textos. Assim foi com propriedade que os alunos mostraram-se capazes de manusear os editores de textos trabalhados no terceiro módulo do curso, como se pode observar no gráfico representativo:

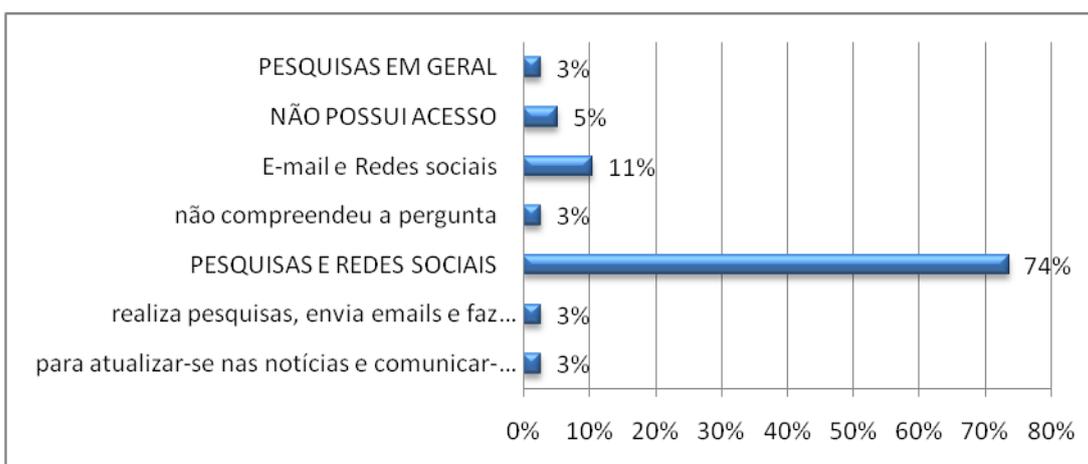
Gráfico 25: Pós-teste 5ª questão: documentos produzidos no Word



Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Na perspectiva da inclusão digital tem-se como um dos principais objetivos, capacitar as pessoas para que possam adquirir competências para o manuseio do computador e acima de tudo estabelecer algo primordial na sociedade moderna: a comunicação e a informação. Assim, é reconhecível a busca pelos saberes de internet, o uso das redes sociais e a conectividade. É sabido também que a oportunidade e o acesso para esta interatividade é escasso, tanto que 22% dos alunos nunca haviam estado em um contexto de contato com a internet. Dos poucos que já haviam acessado foi para executar funções visando à comunicação, como a rede social, facebook.

Gráfico 26: Pós-teste 6ª questão: Internet e Emails

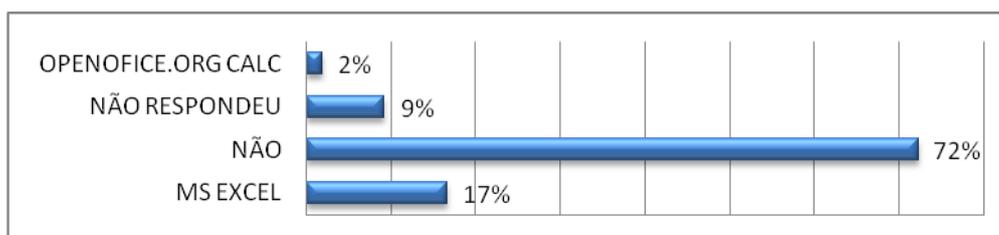


Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Este cenário mudou favoravelmente com o curso, principalmente após o segundo módulo, onde passaram a conhecer, ter acesso e executar diversas funções na internet. Com esta oportunidade de acesso, todos os alunos puderam criar e-mails, realizar pesquisas e participar frequentemente nas redes de interações sociais. E 74% dos mesmos utilizam hoje essa comunicação.

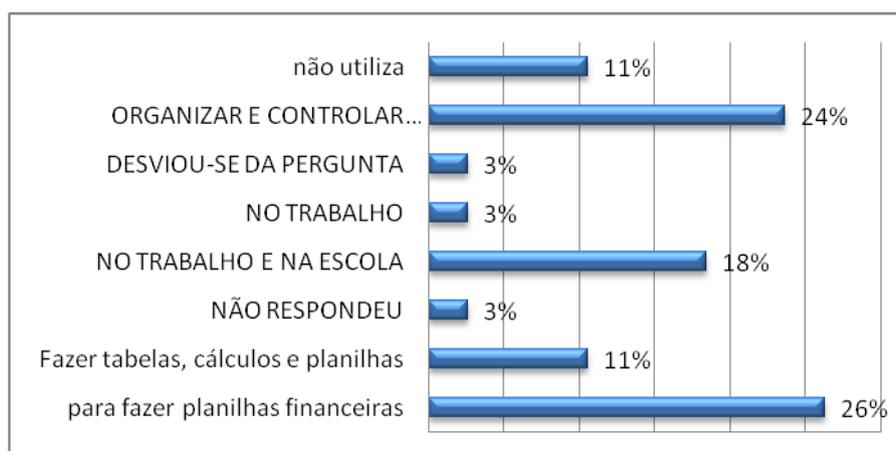
Os editores de planilha também fizeram parte do conteúdo abordado no curso. *A priori* a maioria dos participantes não conhecia e muito menos haviam utilizado estes programas. Para o estudo do editor Excel, por exemplo, exige-se um pouco mais de atenção e concentração, visto que envolve cálculos, fórmulas e outras funções. No Pré Teste, foi constatado que 72% dos alunos não conheciam editores de planilhas, conhecimento este que foi construído no decorrer do IV módulo do Curso. Abaixo é possível observar esta evolução:

Gráfico 27: Pré-teste 9ª questão: Já usou algum editor de planilha?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Gráfico 28: Pós-teste 7ª questão: Excel

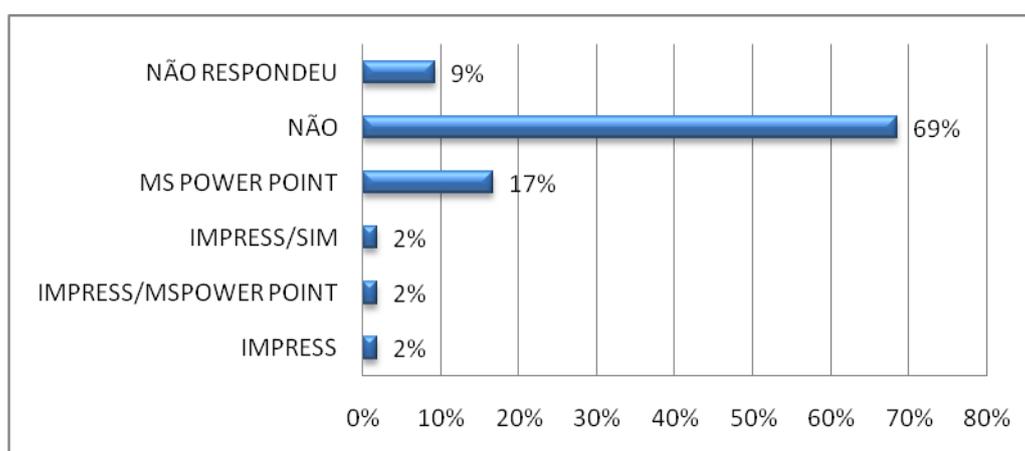


Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

O conteúdo sobre planilhas eletrônicas foi explorado mediante atividades e exercícios práticos voltados para a realidade dos alunos, tanto que 26% mencionaram que hoje conseguem construir planilhas financeiras com facilidade e 24% utilizam para organizar e controlar as despesas domésticas.

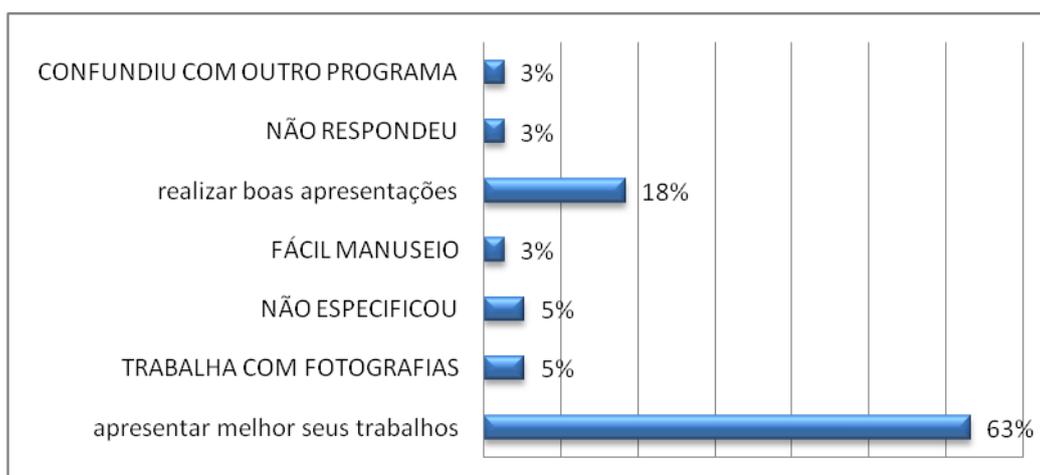
Quanto aos editores de apresentação, pouquíssimos participantes demonstraram conhecê-los no início do curso. No decorrer das aulas, tiveram contato e puderam conhecer a Microsoft Power Point, onde criaram diversas apresentações.

Gráfico 29: Pré-Teste 10ª questão: Já usou um editor de apresentação?



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Gráfico 30: Pós-teste 8ª questão: Microsoft Power Point

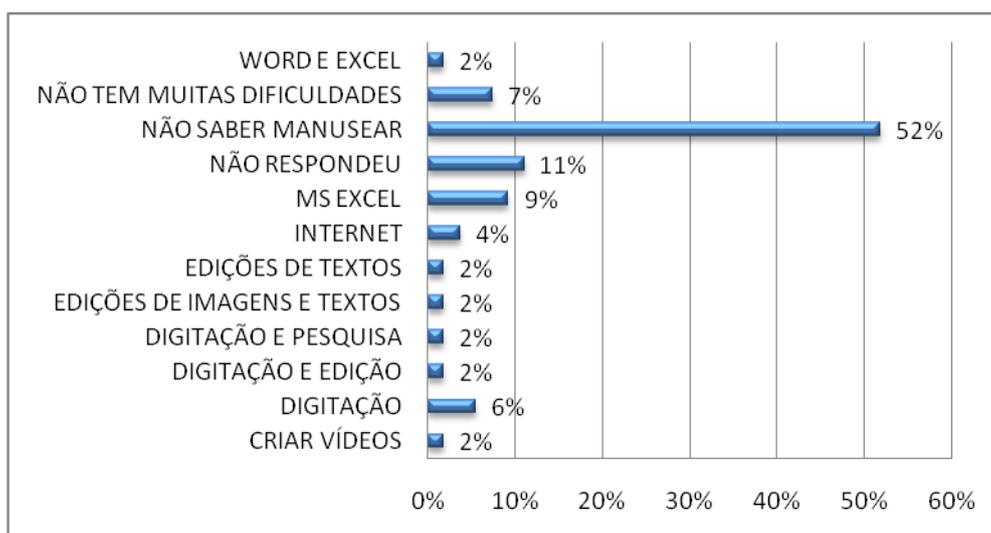


Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Os resultados apresentados no gráfico Pós Teste evidenciam que o uso do programa em sala de aula fez com que a maioria dos alunos escolhesse esta ferramenta a fim de melhorar a exposição de trabalhos e realizar assim boas apresentações.

A respeito das dificuldades por parte dos alunos ao lidar com o computador, o quadro de respostas se difere do Pré-Teste, onde apresentaram pontos a melhorar, quanto aos programas e outras habilidades com o computador. O quadro abaixo mostra estes dados:

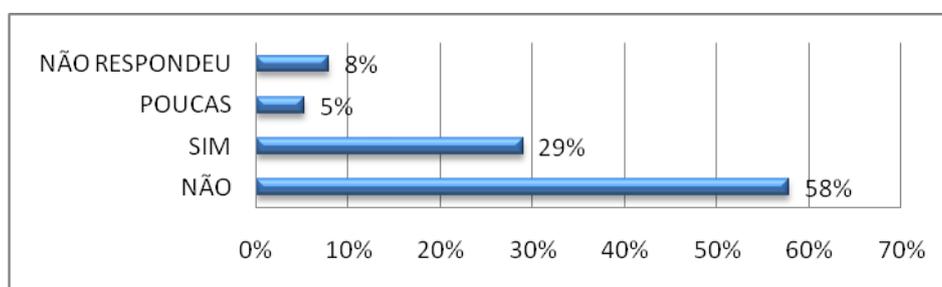
Gráfico 31: Pré-teste 11ª questão: Dificuldade ao lidar com o computador.



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

No Questionário Pós Teste os alunos afirmaram que muitas das dificuldades foram superadas, apesar de ainda se sentirem necessitados de mais aprendizagem, como: mais segurança e autonomia no manuseio dos equipamentos digitais, em alguns programas do Windows e nas funções do MS Office Excel. Contudo, são dificuldades que independem da aprendizagem do curso, há algumas particularidades que devem ser observadas individualmente, o que não condiz com esta pesquisa, já que seu foco é analisar o nível de letramento digital absorvido no período do curso. Abaixo segue o gráfico ilustrativo:

Gráfico 32: Pós-teste 9ª questão: dificuldade ao lidar com o computador.



Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

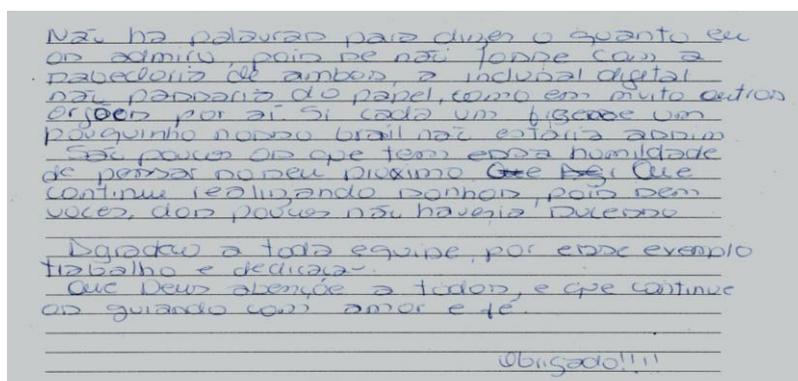
Nesta avaliação sobre as expectativas dos alunos em relação à aprendizagem obtida e as dificuldades encontradas e superadas, é importante ressaltar o papel dos professores acadêmicos do curso. Diante das demandas que exigem o plano pedagógico do curso, os monitores souberam orientar um melhor caminho para que estes alunos sejam mais autônomos em seus estudos e pesquisas.

É o que Freitas (2007) explana ao demonstrar o papel do educador diante ao processo de ensino, onde sua participação deve ser ativa: transmitir conhecimentos, experiências acumuladas e presentes em sua cultura, valores, normas de conduta, códigos. Assim, o educando interagindo com o educador vai paulatinamente internalizando aquilo que é construído nessas relações, reconstruindo a partir de seu próprio referencial, de sua singularidade.

É evidente que a presença de um monitor que acompanha o crescimento intelectual dos alunos faz parte do sucesso dos resultados, por

isso que cada um mostrou suas habilidades compartilhando o conhecimento das ferramentas tecnológicas para bem ensinar àqueles que se sentiam em dificuldades.

Figura 4: Avaliação do curso



Não há palavras para dizer o quanto eu os admirei, pois de não fosse com a paciência de ambos, a inclusão digital não passaria do papel, como em muito outros lugares por aí. Se cada um ficasse um pouquinho no nosso Brail não estaria assim. São poucos os que tem essa humildade de pensar no meu próximo. Que Deus que continue realizando sonhos, pois sem vocês, dos poucos não haveria. Deus sabe.

Deus abençoe a toda equipe, por esse exemplo trabalho e dedicação.

Que Deus abençoe a todos, e que continue os guiando com amor e fé.

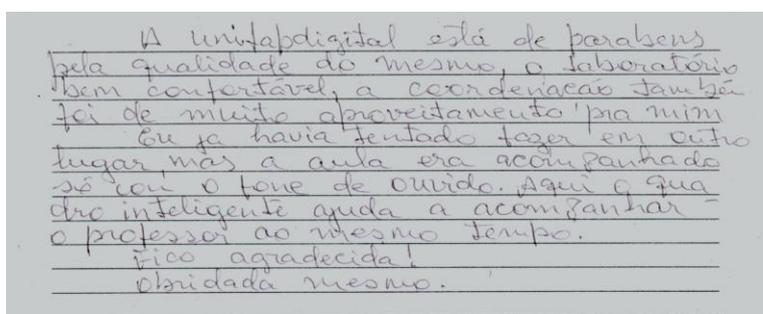
Obrigado!!!

Fonte: Relato de aluno no Questionário Pós-teste (junho, 2013).

Por mérito próprio os professores desempenharam bem seu papel vendo os resultados obtidos ao final do curso em que 92% dos alunos entrevistados disseram que os monitores são bem capacitados, atenciosos, competentes e principalmente eficazes, que facilitam a aprendizagem dos alunos.

Os alunos avaliaram que o curso também é bem estruturado com seus laboratórios e recursos materiais que é disponível a cada aluno, a receptividade da equipe da coordenação e o a própria atenção que o curso dá aos alunos nas aulas de informática como mostra a Figura 8. Segundo o relato da aluna, comparado a outros lugares que ela tinha tentado fazer o curso, gostou mais do trabalho desempenhado no projeto UNIFAPDIGITAL.

Figura 5: Avaliação do curso



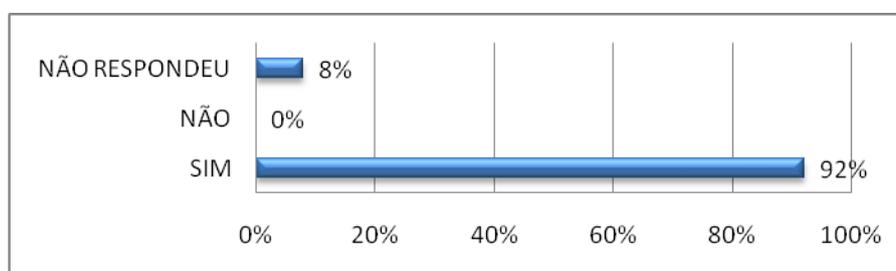
A Unifapdigital está de parabéns pela qualidade do mesmo, o laboratório bem confortável, a coordenação também foi de muito aproveitamento pra mim. Eu já havia tentado fazer em outro lugar, mas a aula era acompanhada só com o fone de ouvido. Aqui a sua dire inteligente ajuda a acompanhar o professor ao mesmo tempo.

Fico agradecida!
obrigada mesmo.

Fonte: Relato de aluno no Questionário Pós-teste (junho, 2013).

São vários os relatos de agradecimento dentro do curso. Os alunos demonstram satisfação pelo que o projeto oferece, desde a entrada ao final do curso. No Gráfico 33 mostra que 92% dos alunos gostaram da metodologia dos monitores, que se resume ao acompanhamento de cada aluno nas aulas. É por isso que o é adotado no projeto, que durante as aulas estejam presentes três monitores, onde enquanto um está explanando o conteúdo, os outros dois estão auxiliando os alunos nas possíveis dificuldades ao realizar uma tarefa no computador.

Gráfico 33: Pós-teste 10ª questão: a metodologia dos monitores foi eficaz para sua aprendizagem?



Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Sobre a avaliação geral do curso os alunos atribuíram os maiores conceitos e os alunos qualificaram o trabalho dos professores e a própria organização do curso, não só pela equipe pedagógica como também pela estrutura dos laboratórios e equipamentos à disposição dos mesmos.

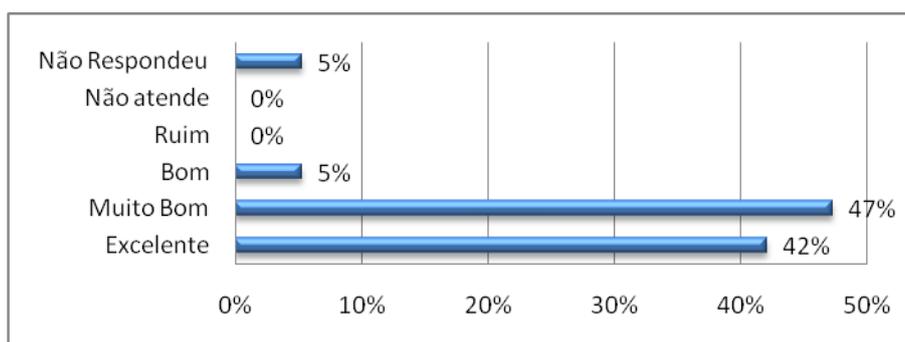
Figura 6: Avaliação do curso

A curso foi muito bom. Com aprender muito. Tenho certeza que vou sair do curso bem qualificado pro mercado de trabalho. Com os professores muito bom que nos ajudou bastante, tiveram paciência e se dedicaram o bastante. O laboratório é muito bom a coordenação também que sempre nos ajuda com as matérias e a matéria do curso. Tudo isso foi muito bom. Vou sentir muita falta de estar aqui aprendendo muito mais.

Fonte: Relato de aluno no Questionário Pós-teste (junho, 2013).

De modo geral a avaliação dos alunos foi bem positiva, pois demonstraram satisfação dos seus próprios resultados obtidos ao finalizar o curso. Muitos dos alunos falaram que o curso é bem equipado, tem uma estrutura física muito boa, a equipe formadora é preparada, o conteúdo é satisfatório e a coordenação está sempre à disposição dos alunos. Poucos alunos avaliaram de modo negativo, avaliam como bom, porém é necessário melhorar ainda no material didático e na manutenção dos laboratórios. A tabela abaixo ilustra a avaliação geral do curso:

Gráfico 34: Pós-teste 11ª questão: a qualidade do Curso

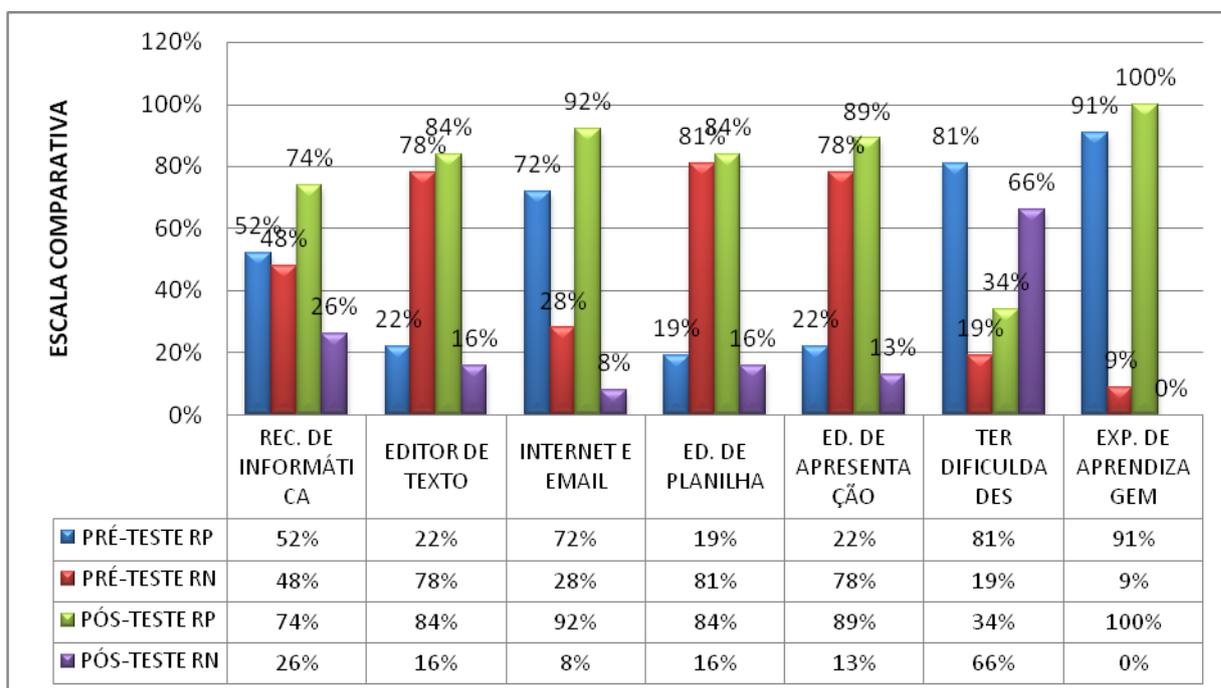


Fonte: Pesquisa de campo (junho, 2013).

Em análise a este gráfico verifica-se que a aprendizagem adquirida nos quatro meses do curso é eficaz, pois o letramento digital aconteceu no curso UNIFAPDIGITAL. Diante dos relatos dos alunos e progresso obtido nos resultados apresentados pelos questionários foi possível verificar que os alunos entraram no curso com um mínimo de conhecimento a respeito das tecnologias digitais. Chegando ao final do curso puderam responder com mais segurança aos questionamentos apresentados no pós-teste. Contrariamente ao comparar as respostas dadas no pré-teste, do qual a maioria demonstrou desconhecimento das questões ao ter muita dificuldade em responder tudo de forma correta.

Abaixo é possível visualizar o resultado/produto de aprendizagem ocorrido no período de estudo do curso de acordo com as respostas dos alunos, sejam elas positivas ou negativas diante da apresentação do Pré-teste e Pós-teste. Utilizamos a sigla RP para as *Respostas Positivas* e RN para *Respostas Negativas*:

Gráfico 35: Resultados Gerais: ANÁLISE DO PROCESSO DE LETRAMENTO DIGITAL.



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Neste gráfico é possível entender o avanço na aprendizagem dos alunos quanto à prática do manuseio das tecnologias digitais. Vale retomar o que Buzato (2007) aborda quanto à concretização da inclusão digital, sendo algo que se realiza por meio da ação e que reflete diretamente no processo de letramento, estando prática social da linguagem e o uso de suas tecnologias ligadas aos diferentes contextos de inclusão.

O paralelo entre os dois testes mostra que diante da questão sobre o conhecimento dos recursos de informática, houve um aumento de 22% das pessoas que responderam positivamente. O aumento também foi significativo em relação aos programas que foram estudados durante os módulos: Editor de texto 62%, Internet e Email 20%, Editor de Planilha 65% e Editor de Apresentação 67%.

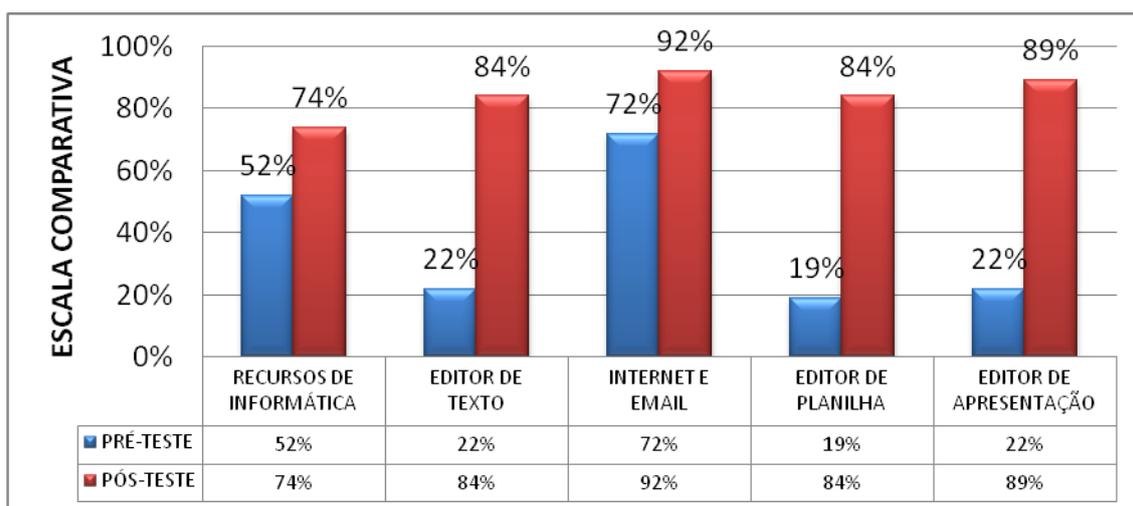
É possível inferir que diante das dificuldades averiguadas pelo Pré Teste em comparação com as apresentadas no Pós Teste, houve um aumento positivo de 47%. E ao término do curso, de acordo com o Pós Teste, as

expectativas dos alunos acerca da aprendizagem foram atendidas, no que diz respeito a adquirir habilidades e competências com o computador. Estas habilidades e competências é o que Soares (2002) afirma ocorrer no processo de letramento digital, a partir do momento que o aluno passa a obtê-las com as práticas seja de leitura ou de escrita possibilitadas pelo computador e internet.

Por meio do uso do computador e de suas ferramentas, juntamente com a prática e a interação com outros, o projeto UNIFAPDIGITAL contribui para minimizar a desigualdade e promover uma indução à inclusão social. Ressaltando que diante de uma sociedade de informação e de comunicação, o processo de letramento digital é cada vez mais fundamental e é ainda mais interessante saber que esta “prática de letrar” está presente na Universidade Federal do Amapá.

O gráfico 36 pode ilustrar a aprendizagem dos alunos em cada módulo de acordo com os resultados obtidos nos questionário Pré-teste (barras na cor azul do gráfico) e questionário Pós-teste (barras na cor vermelha do gráfico) em uma escala comparativa, que equivalem os conhecimentos a respeito dos recursos de informática, dos editores de texto, de internet e e-mails, dos editores de planilha e dos editores de apresentação.

Gráfico 36: Análise do processo de letramento digital quanto ao domínio das ferramentas

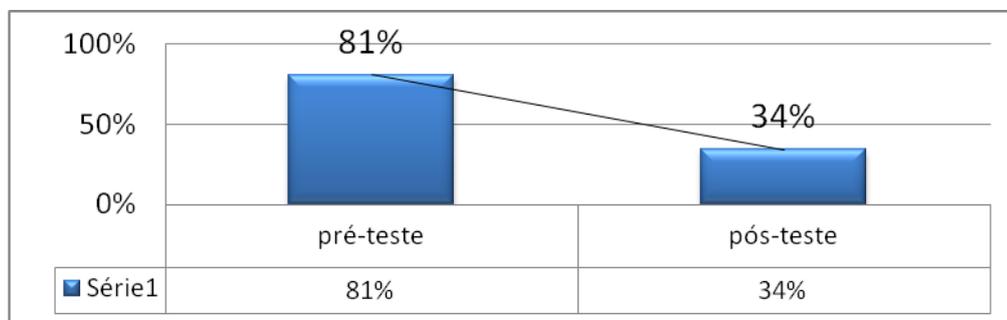


Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

É observável que no Pós-teste os alunos tiveram um progresso significativo em cada módulo do curso. Passando a serem considerados como letrados digitalmente, quando inseridos em meio em que favorece o aprendizado efetivo do indivíduo. A partir das aulas o *letrando* da significação para aquele aprendizado e se utiliza dele para utilizar em sociedade.

Mesmo visando a utilização do computador, o curso insere seus participantes no mundo digital a partir do básico apresentado em seus conteúdos. As dificuldades encontradas pelos alunos ficaram menores como mostra o gráfico seguinte:

Gráfico 37: Dificuldades Apresentadas



Fonte: Pesquisa de campo (janeiro, 2013).

Observando o gráfico 37, nota-se que as dificuldades iniciais eram bem maiores que as dificuldades finais. Isso explica que o processo de letramento é um *continuum* onde o indivíduo irá aprender a partir do momento em que der funcionalidade ao seu aprendizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento digital entendido como um novo “estado ou condição” para exercer as práticas de leituras e escritas através dos recursos computacionais, torna-se significativo para os participantes se após o término do curso fizerem uso das tecnologias digitais no seu cotidiano.

Para isso é necessário ter o amadurecimento das ideias relacionadas ao aprendizado acerca das tecnologias digitais juntamente com a qualificação e a construção do saber digital, que visam favorecer o desempenho nas atividades da vida pessoal e profissional de cada um que participa do projeto.

Como explanado em nossa pesquisa é sempre importante considerar que a Inclusão Digital é um caminho para o avanço profissional e consequentemente para a inserção do cidadão na sociedade moderna.

Por meio deste recurso é possível desenvolver capacidades contributivas que o auxiliarão nas atividades sociais. Observa-se que existem vários programas que promovem o ensino das tecnologias digitais, que oferecem mecanismos para que as pessoas possam ter formação às tecnologias digitais. Contudo, ainda é pouco o incentivo e a geração de oportunidade por parte dos governantes para que a inclusão digital se concretize e esteja ao alcance dos brasileiros, considerando os vários problemas de acesso e de investimento que ainda são poucos.

A inclusão digital é mais um item entre tantos outros que são extremamente importantes para a construção de um país desenvolvido, onde a formação adequada para os indivíduos é o fator primordial que verdadeiramente traz valores e benefícios para a sociedade.

Este comprometimento com a mesma parte de pequenos grupos de idealistas que pensam no coletivo gerando oportunidades de crescimento profissional para um determinado grupo de pessoas.

É o caso do curso de Informática básica UNIFAPDIGITAL que se preocupando com um problema da comunidade acadêmica e comunidade amapaense possibilitou que se concretizasse um projeto que já beneficiou mais de 600 (seiscentas) pessoas.

No Projeto UNIFAPDIGITAL, que hoje vem promovendo o Letramento Digital, é observável que a comunidade externa à universidade foi a que mais se destacou no curso. Isso mostra que o alcance do projeto ao seu público alvo, pessoas de baixa renda que não tem facilidades ao lidar com as tecnologias digitais, estão presentes no projeto. Estas adquirem no curso novas habilidades no uso das tecnologias digitais, pois a partir de então passam a estar inseridas no mundo digital tanto de modo profissional como de modo social.

Este cenário mudou favoravelmente com o curso, principalmente após o segundo módulo, onde passaram a conhecer ter acesso e executar diversas funções na internet. Com esta oportunidade de acesso, todos os alunos puderam criar e-mails, realizar pesquisas e participar frequentemente nas redes de interações sociais. E quase 75% dos mesmos utilizam hoje essa comunicação.

De acordo com a análise verificou-se que os pontos relevantes para a concretização do letramento digital no curso foi construído a partir do querer aprender dos alunos e da prática docente dentro de sala de aula. A interação com as tecnologias é fator importante sim, mas se o aluno não tivesse disposto a aprender e colocar em práticas os conhecimentos apreendidos no decorrer do curso não seria possível o letramento digital.

O conjunto desses fatores foi importante para que a partir da formação dada os alunos pudessem construir textos, montar planilhas eletrônicas, produzir apresentações, navegar na internet, enviar emails, fazer pesquisas eletrônicas, entre outras operações que ocorreram na sua participação nas aulas com o uso prático da ferramenta tecnológica.

Entende-se que o letramento digital é dar funcionalidade às tecnologias digitais para assim utilizá-las de diversas formas nos contextos sociais. Esta prática efetiva foi comprovada em sala de aula quando os alunos desenvolveram suas atividades no computador fazendo com que a partir dos conhecimentos construídos pudessem realizar tarefas cotidianas como enviar email, manusear um caixa eletrônico, preparar um texto no MS Office Word, editar arquivos de imagens, áudio e vídeo, entre outras tarefas que não tinham hábito de fazer ou dependiam de alguém que sabia fazer.

Neste estudo o objetivo maior foi obter a compreensão do processo de formação das capacidades adquiridas em relação às tecnologias digitais, por isso a investigação se delimitou aos momentos de aplicação do método.

Desta forma, o Pré-Teste analisou quais eram os conhecimentos de tecnologias digitais que os alunos tinham e o que foi acrescentado no decorrer do processo, visualizado na comparação com o Pós-Teste. O paralelo que se obtêm entre estes conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos são números bem significativos que remarcam a efetivação do letramento digital ocorrido durante as aulas.

Ao tornar possível o acesso às tecnologias computacionais, auxiliando na construção de conhecimentos relativos ao manuseio das mesmas, o Projeto UNIFAPDIGITAL é um meio pelo qual se comprova que é possível o letramento digital a partir das aulas de informática básica e que, além da aprendizagem das tecnologias digitais, prepara-se também o indivíduo para buscar melhores formações profissionais, incentivando-o para a interatividade na sociedade moderna e no mercado de trabalho, como fonte para aprimorar mais conhecimentos.

Ao final deste estudo observamos que o projeto UNIFAPDIGITAL desde o ano de 2010 até os dias atuais proporciona mudanças na realidade acadêmica e na comunidade amapaense, a partir do ensino ao uso das tecnologias digitais e da prestação de serviços as pessoas com necessidades financeiras, carentes de oportunidades e de formação profissional. Além disso,

compreendemos a realidade de um projeto que acontece na Universidade Federal do Amapá e que vem beneficiando muitas pessoas na promoção do letramento digital e conseqüentemente na inclusão social. E este processo de letramento e de inclusão é fruto de ações sociais coletivas, onde o anseio é pela formação de cidadãos letrados digitalmente, para que possam se apropriar de forma crítica e criativa das tecnologias digitais em uma perspectiva significativa e funcional.

7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César. **Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando**. Campinas, 2007.

BAHIA. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. **Política de ciência, tecnologia e inovação para o estado da Bahia**. Salvador, 2004.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. **Tecnologia da Informação e Comunicação das Escolas Públicas Brasileiras: o Programa Proinfo Integrado**. Revista PUCSP - Revista e-curriculum, São Paulo v.5 n.1 Dez 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3256/2174>> Acesso em: 17 de setembro de 2013, 16:00:40.

BONILLA, Maria Helena Silveira, PRETTO, Nelson De Luca; organizadores. **Inclusão digital: polêmica contemporânea** / - Salvador : EDUFBA, 2011. v. 2.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Inclusão Digital nas escolas**. Salvador, UFBA.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 6.300, de 12 de Dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo. Decreto on-line. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300>.

BUENO, Divino Alves; COSTA, Luzimar Divina; ARAÚJO, Marcelo Jeronimo Rodrigues; ÁVILA, Maria Aparecida de. **ProInfo em Goiás: Desafios, Conquistas e Possibilidades**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015048.pdf>. Acesso em: 9 de setembro de 2013, 16:29:08.

BUZATO, Marcelo. **Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARVALHO, José Oscar Fontanini; NETO, Carluxto Silva. **O programa de inclusão digital do Governo Brasileiro: Análise sob a perspectiva da interseção entre ciência da informação e interação humano computador**. 2008

CHARTIER, R. **Do códex à tela: as trajetórias do escrito**. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994.

COELHO, EspartacoMadureira. **Governo eletrônico e seus impactos na estrutura e na força de trabalho das organizações públicas**. Revista do Serviço Público - RSV. Ano 52, Número 2, Abr-Jun 2001.

FILHO, ANTONIO MENDES DA SILVA. **Os três pilares da inclusão digital**. Revista espaço acadêmico, ano III, Nº 24, maio de 2003.

FREITAS, Maria Teresa e Assunção. **Letramento digital e a formação de professores**. UFJF. 2007

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Elisabeth. **Exclusão digital: Um problema tecnológico ou social?**. Instituto de estudos de trabalho e sociedade. 2003.

KEMMIS, S. **Action research and social movement: a challenge for policy research**. *Educational Policy Analysis Archives*1(1), <http://epaa.asu.edu/epaa/v1n1.html>, 1993.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

JORDÃO, Rosana dos Santos. **A pesquisa-ação na formação inicial dos professores: Elementos para a reflexão**. FEUSP. 2004

LIBÂNEO, José Carlos e etal. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Jussara Borges de; SILVA, Helena Pereira. **Governo Eletrônico e Informação Utilitária: Uma relação necessária para uma efetiva inclusão digital**. UFB. 2004

LEMOS, André (Ed.). **Cidade Digital: Portais, inclusão e redes no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NETO, Benedito Medeiros; MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. **Uso da tecnologia e acesso à informação pelos usuários do programa Gesac e de ações de inclusão digital do governo brasileiro Programa GESAC**. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.81-96, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/121/161>. Acesso em: 16 de novembro de 2013, 14:40:50.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade; Campinas, vol.23, dez.2002.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. xxv, 195p. : il. ;

26cm.Disponível em:
<<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>>. Acesso em :
16 de novembro de 2013, 14:40:50.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Sexo: _____ Estado civil: _____ Cidade: _____

1. Como ficou sabendo das inscrições do Processo Seletivo do Curso de Informática Básica UNIFAPDIGITAL?

- | | |
|-----------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> TV | <input type="checkbox"/> Amigos |
| <input type="checkbox"/> Rádio | <input type="checkbox"/> Cartazes |
| <input type="checkbox"/> Internet | <input type="checkbox"/> Outros, quais? _____ |

2. O que o (a) motivou a fazer o curso?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Aprender Informática | <input type="checkbox"/> Certificação |
| <input type="checkbox"/> Mercado De Trabalho | <input type="checkbox"/> Família/Amigos |
| <input type="checkbox"/> Atualizar seus Conhecimentos | <input type="checkbox"/> Motivação Pessoal |

3. Quais os recursos de informática que você conhece?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Caixa eletrônico | <input type="checkbox"/> Redes sociais |
| <input type="checkbox"/> Celular | <input type="checkbox"/> Nenhum |
| <input type="checkbox"/> Computador | <input type="checkbox"/> Não sabe responder |
| <input type="checkbox"/> Internet | |

4. O que espera aprender no curso de Informática Básica?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ter domínio de uso | <input type="checkbox"/> Aprender: redes sociais e programas |
| <input type="checkbox"/> Adquirir novos conhecimentos | <input type="checkbox"/> Formatar texto e navegar na internet |
| <input type="checkbox"/> Aprender e repassar a outros | <input type="checkbox"/> Elementos técnicos |

5. Qual a importância de um curso de Informática na sua formação profissional e pessoal neste momento?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ingressar no mercado de trabalho | <input type="checkbox"/> Atualizar-se |
| <input type="checkbox"/> Autonomia | <input type="checkbox"/> Aplicar seus conhecimentos no trabalho |
| <input type="checkbox"/> Melhorar trabalhos acadêmicos | <input type="checkbox"/> Conhecer a internet |

6. Sobre o conteúdo do curso, o que você conhece sobre editores de texto?

- | | |
|---|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Conhece o básico | <input type="checkbox"/> Não conhece |
|---|--------------------------------------|

7. Você já usou algum editor de texto? _____ Se sim, Quais?

- | | | |
|-------------------------------------|---|--------------------------------|
| <input type="checkbox"/> BR Office | <input type="checkbox"/> Bloco de notas | <input type="checkbox"/> Gedit |
| <input type="checkbox"/> OpenOffice | <input type="checkbox"/> Emacs | <input type="checkbox"/> jEdit |

- Kate Notepad Outros. Quais?
 AbiWord _____
 MS Office Word

8. Você já acessou algum tipo de rede social na internet? _____
Se sim, quais?

- Orkut Google+ Outras.Quais?
 Facebook Linkedin _____
 Badoo

9. Você já usou algum editor de planilha? _____

- Se sim, qual? OpenOffice Outros. Quais?
 Microsoft Excel Calc _____
 Lotus123

10. Você já usou algum editor de apresentação? _____

- Impress
 Impress/mspower point
 Impress/sim
 Mspower point
 Não

11. Qual sua maior dificuldade ao lidar com um computador?

- Criar vídeos Edições de imagens e Não saber manusear
 Digitação textos Word e Excel
 Digitação e edição Edições de textos Não tem muitas
 Digitação e pesquisa Internet dificuldades
 MS Excel

12. Qual sua expectativa em relação ao curso de Inclusão Digital?

- Aprender informática Preparar para o mercado de trabalho
 Atualizar seus conhecimentos e informação
 Informações e digitar Saber utilizar no cotidiano
 Melhorar o desempenho no trabalho Sair preparada para o mercado de
 Não respondeu trabalho

QUESTIONÁRIO PÓS TESTE

Nome: _____

Turma: _____

1. Quais os recursos de informática que você conhece?
 - Internet, programas e sistemas operacionais.
 - Não compreendeu
 - Computadores, celulares e Datashow
 - Não lembra
 - Internet
 - Hardware e software

2. Os conteúdos apresentados foram o que você esperava aprender no curso de Informática básica?
 - Sim. Hoje conhece um computador e sua finalidade
 - Sim. Superou suas expectativas
 - Sim. Foram expostos com clareza e confiança
 - Sim.
 - Sim. Aprendeu com facilidade
 - Sim. Melhorar vida profissional
 - Não.

3. Qual a importância do UNIFAPDIGITAL para suas pretensões futuras?
 - Abriu portas para sua inclusão digital
 - Pretende obter mais conhecimento na área
 - Formação profissional
 - Mercado de trabalho
 - Melhorar seu dia a dia
 - Nenhuma importância
 - Não sabe responder

4. Sobre o conteúdo do curso, o que você conhece agora sobre editores de texto?
 - Tem conhecimento do MS Word
 - É possível criar e editar textos com diversas formatações
 - É possível criar currículos, trabalhos escolares.
 - Não sabe responder
 - Não lembra
 - Conhece o Word, WordPad e bloco de notas.

5. Dê exemplos de documentos que podem ser produzidos no MS Office Word 2007:

- Textos diversos
- Currículo, trabalhos escolares.
- Não sabe responder
- Não lembra
- Confundi com outros programas

6. Da aprendizagem obtida no II Módulo: Internet e E-mail, como você tem utilizado esse conhecimento atualmente? Cite o que você costuma acessar?

- Para atualizar-se nas notícias e comunicar-se com seus filhos
- Realiza pesquisas, envia e-mails e faz download.
- Pesquisas e redes sociais
- E-mail e redes sociais
- Não possui acesso
- Pesquisas em geral

7. A partir do conhecimento construído no IV Módulo: Apresentação de Planilhas Eletrônicas (MS Office Excel), em que tarefas do seu dia-a-dia você pode utilizar este aprendizado?

- Para fazer planilhas financeiras
- Fazer tabelas, cálculos e planilhas.
- Não sabe responder
- No trabalho e na escola
- No trabalho
- Organizar e controlar orçamento doméstico
- Não utiliza

8. No V Módulo você aprendeu a trabalhar com editor de apresentação MS Office Power Point. Quais as vantagens deste programa?

- Apresentar melhor seus trabalhos
- Trabalha com fotografias
- Fácil manuseio
- Realizar boas apresentações
- Confundi com outro programa

9. Após finalizar o curso do UNIFAPDIGITAL, você ainda tem dificuldade ao lidar com um computador?

- Sim. Somente em algumas fórmulas do Excel
- Não
- Sim. Lidar com algumas ferramentas

- Sim. Lidar com alguns programas
- Sim. Não tem afinidade com a ferramenta
- Poucas

10. Diante da metodologia utilizada pelos monitores, você acha que foram eficazes para a sua aprendizagem em informática?

- Sim. São atenciosos e competentes
- Sim. Facilitaram o aprendizado
- Sim. Eficazes
- Não foram eficazes
- Não sabe responder

11. De maneira geral, qual a sua avaliação sobre a qualidade do curso, incluindo equipe formadora, material didático, laboratórios e coordenação?

- Muito bom
- Excelente
- Ótimo
- Bom
- Regular
- Não sabe responder

ANEXO

